O Trabalho da Mulher na Fábrica

V. I. Lênin

Março de 1899

Primeira Edição: De "*O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*", publicado pela primeira vez em 1899. (Obras Completas, 3ª ed. russa, vol. III, pág. 428.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

(. . .) Falando sobre a transformação que a fábrica operou nas condições de vida da população, deve-se observar que a incorporação de mulheres e de adolescentes à produção[(1*)] é no fundo, um fenômeno progressista. Não há dúvida de que a fábrica capitalista põe essas categorias da população operária numa situação particularmente difícil; não há dúvida de que a estas mais do que às outras, é necessário reduzir e regular a jornada de trabalho, assegurar condições higiênicas de trabalho etc., mas a tendência a proibir por completo o trabalho das mulheres e dos adolescentes na indústria ou a manter o regime patriarcal, que não admitia esse trabalho, seria reacionária e utópica. Destruindo o isolamento patriarcal dessas categorias da população que anteriormente não saíam dos estreitos limites das relações familiares e domésticas; atraindo-as à participação direta na produção social, a grande indústria mecanizada acelera seu desenvolvimento, amplia sua independência, isto é, cria condições de vida infinitamente superiores à imobilidade patriarcal das relações pré-capitalistas(. . .) [(2*)].

Início da página

Notas de rodapé:

(1*) Segundo o Índice, as fábricas da Rússia européia empregavam em 1830 875.764 operários, dos quais 210.207 mulheres (24%); 17.793 rapazes (2%) e 8.216 moças (1%). (Nota de Lênin.) (retornar ao texto)

(2*) «A pobre tecelã segue o pai e o marido para a fábrica, trabalha a seu lado e independentemente deles. Sustenta sua família do mesmo modo que um homem. » «Na fábrica (. . .) a mulher é um produtor absolutamente independente, da mesma forma que seu marido.» Entre as operárias da fábrica, a instrução se difunde rapidamente. (As Indústrias do Município de Vladimir, III, págs. 113, 118, 112 e outras.) A conclusão seguinte do Sr. Kharizomenov é inteiramente justa: a indústria põe fim «à dependência econômica da mulher no âmbito da família (. . .) e diante dos homens (. . .)» «Na fábrica a mulher se torna igual ao homem: é a igualdade do proletário (. . .) A indústria capitalista tem um papel importante na luta da mulher por sua independência na família.» «A indústria cria para a mulher uma situação nova, completamente independente da família e do marido.» (Juriditcheskl Viestnik («O Mensageiro Jurídico»), 1883, n.º 12, págs. 582-586.) Na Coletânea de Informações Estatísticas da Província de Moscou (vol. VII. Moscou, 1882, págs. 152, 138-139) os informantes comparavam a situação da operária na fabricação manual e na fabricação mecânica de meias. No trabalho a mão, o salário é de cerca de 8 copeques por dia; no trabalho a máquina, de 14 a 30. A situação da operária na fabricação a máquina é descrita da seguinte maneira: «(. . .) Diante de nós te mos uma jovem já livre e a quem nada atemoriza, emancipada da família e de tudo aquilo que caracteriza as condições de existência da camponesa, uma jovem que pode, em qualquer momento, mudar de lugar e de patrão, e que pode, em qualquer momento, ficar sem trabalho (. . .) sem um pedaço de pio (. . .) Na produção manual, a mulher que trabalha em malhas tem um salário mesquinho, que não basta para cobrir as despesas de sua comida, a menos que ela pertença a uma família com fazenda, com nadiel (lote de terra comum) — (N. da ed. bras.) e se beneficie, em parte, dos produtos dessa terra; na produção mecanizada, a operária, além da comida e do chá, tem um salário que até lhe permite (. . .) viver fora da família sem recorrer às entradas que a família retira da terra (. . .) Ao mesmo tempo, nas condições atuais, a retribuição da operária na indústria mecanizada é mais segura.» (Nota de Lênin.) (retornar ao texto)

Inclusão	18/02/2008

A Classe Operária e o Neomalthusianismo

V. I. Lênin

29 de Junho de 1913

Primeira Edição: Publicado na Pravda («A Verdade»), nº 137 (341), de 29 (16) de junho de 1913. (Obras Completas, vol. XVI, págs. 497-499.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

No congresso médico, realizado no Instituto Pirogov, despertou grande interesse e suscitou inúmeras discussões, a questão do aborto provocado. O relator, Lickus, citou dados referentes à grande difusão dos abortos provocados, nos dias de hoje, nos países que se dizem civilizados.

Em New York verificaram-se em um ano 80 mil abortos provocados; na França, 36 mil por mês. Em Petersburgo a percentagem dos abortos provocados aumentou em mais do dobro no espaço de cinco anos.

Segunda o parecer do congresso médico, o aborto, não deveria ter jamais, para a mãe, conseqüências penais e o médico só deveria ser punido por lei quando agisse «por interesse».

A maior parte dos médicos que negaram a punibilidade do aborto, naturalmente levantou, também, no curso dos debates, a questão do chamado neomalthusianismo(1*) (isto é, das práticas preventivas) e a esse respeito, também, tocou-se no lado, social da questão. Assim, por exemplo, segundo o noticiário do Russkoie Slovo(2*), o Sr. Vigdorick declarou que «é necessário saudar os sistemas preventivos», enquanto o Sr. Astrakhan exclamou entre uma tempestade de aplausos:

> «Devemos convencer as mães a ter filhos, para que sejam estropiados nas escolas, para que sejam induzidos ao suicídio segundo sorteio!».

Se é verdade, como se disse, que essas declarações da Sr. Astrakhan provocaram uma tempestade de aplausos, não me surpreendo em absoluto. Os presentes eram burgueses, pequenos e médios, com mentalidade pequeno-burguesa. Que se podia esperar deles, se não o mais chão liberalismo?

Mas se se examina o problema segundo o ponto de vista da classe operária, é quase impossível encontrar prova mais clamorosa do caráter absolutamente reacionário e da inconsistência do «neomalthusianismo social» do que a frase do Sr. Astrakhan por nós citada.

«Ter filhos para que sejam estropiados». . . Apenas para isto? E não para que lutem melhor, mais unidos, com maior consciência e energia que nós contra as atuais condições de vida que estropiam e arrumam a nossa geração?

Nisso reside a diferença entre a mentalidade do camponês, do artesão, do intelectual e a do proletário. O pequeno-burguês vê e sente que está caminhando para a ruína, que a vida se torna mais difícil, que a luta pela existência se torna sempre mais cruel, que sua situação e a de sua família se tornam cada vez mais sem saída. É um fato incontestável, contra o qual o pequeno-burguês protesta.

Mas, **como** protesta?

Protesta, humilhado e tímido, como representante de uma classe que se precipita, sem esperança, para sua própria ruína, que não tem nenhuma confiança no próprio futuro. Nada se pode fazer, senão ter menos filhos para sofrer os nossos tormentos, para arrastar os nossos grilhões, para suportar nossa miséria e nossa humilhação: esse é o grito do pequeno-burguês.

O operário consciente está a mil milhas de distância desse modo de ver. Não deixa sua consciência embotar-se por tais elementos, por mais sinceros e profundamente sentidos que sejam eles. Sim, também nós, operários e a massa dos pequenos proprietários, estamos curvados sob um jugo insuportável e nossa vida está cheia de sofrimentos. Nessa geração tem uma vida mais dura que a de nossos pais. Mas, sob certo aspecto, somos muito mais felizes do que eles. **Aprendemos e estamos aprendendo rapidamente a lutar**; e a lutar, não sozinhos, como os melhores dentre nossos pais; não em nome das palavras de ordem de charlatães burgueses, que nos são estranhas, que não sentimos, mas em nome de palavras de ordem nossas, de nossa classe. Lutamos melhor que nossos pais. Nossos filhos lutarão ainda melhor e **vencerão**.

A classe operária não se precipita para a ruína, mas cresce, torna-se

mais forte e mais viril, torna-se compacta, educa-se e tempera-se no combate. Somos pessimistas quanto, à sorte do feudalismo, do capitalismo e da pequena produção, mas otimistas e cheios de entusiasmo no que se refere ao movimento operário e à sua meta. Já lançamos os alicerces do novo edifício e nossos filhos o terminarão.

Eis a razão, a única razão, par que somos decididamente inimigos do neomalthusianismo, dessa tendência própria dos casais pequeno-burgueses, que, em sua mesquinhez e egoísmo, murmuram assustados: se Deus quiser, viveremos nós dois de qualquer modo; quanto aos filhos, é melhor não os ter.

Isso, naturalmente, não os impede de exigir a revogação de todas as leis que proíbem o aborto ou proíbem a difusão dos preceitos médicos referentes aos métodos preventivos etc. Tais leis não passam de uma hipocrisia das classes dominantes. Tais leis não curam a moléstia do capitalismo, mas as tornam particularmente malignas e graves para as massas oprimidas. Uma coisa são a liberdade da propaganda médica e a defesa dos direitos democráticos fundamentais para os cidadãos de ambos os sexos; outra, a doutrina social do neomalthusianismo. Os operários conscientes travarão sempre a luta mais encarniçada contra as tentativas de impor essa doutrina vil e reacionária à classe que é, na sociedade atual, a mais avançada, a mais forte, a mais preparada para as grandes transformações.

Início da página

Notas de rodapé:

(*) A expressão deriva do nome do economista inglês Robert Malthus (1766-1834), o qual, alegando que a população crescia numa medida muito maior que os meios de subsistência, indicava nos processes preventivos (controle dos nascimentos) e nos repressivos (guerra, epidemias etc.) os fatores destinados a restabelecer o equilíbrio e contestava, ao mesmo tempo, a eficácia de qualquer reforma social, afirmando que elevar o nível de vida das massas populares equivalia a favorecer o crescimento demográfico com a conseqüência, em breve tempo, de agravar a situação geral. Dessa concepção reacionária se originou o neomalthusianismo, que teorizou especificamente sobre a limitação voluntária da prole, como objetivo a atingir por todos os meios. (retornar ao texto)

(2*) A Palavra Russa. Jornal liberal de Moscou. Cessou a publicação pouco depois da Revolução de Outubro. (retornar ao texto)

Inclusão	14/11/2007

O V Congresso Internacional de Luta Contra a Prostituição

V. I. Lênin

26 de Julho de 1913

Primeira Edição: Publicado na Rabótchaia Pravda («A Verdade Operária»), nº 1, de 26 (13) de julho de 1913. (Obras Completas, vol. XVI, págs. 516-517.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

Terminaram recentemente, em Londres, os trabalhos do «quinto congresso internacional de luta contra o tráfico de escravas brancas».

Foi um desfile de duquesas, condessas, bispes, pastores, rabinos, funcionários da polícia e filantropos burgueses de todo tipo! E quantos banquetes e faustosas recepções oficiais para a ocasião,! Quantos discursos solenes sobre os danos e a infâmia da prostituição!

Quais foram os meios de luta invocadas pelos delegados burgueses ao congresso por essas delicadas pessoas? Dois meios, antes de tudo: a religião e a polícia. Esses são considerados os melhores meios, os mais seguros. Segundo o correspondente londrino da Leipziger Volkszeitumg[(1*)] um delegado britânico gabava-se de haver proposto ao parlamento inglês infligir **penas corporais** aos exploradores do lenocínio. Eis aí um herói «progressista» da luta centra a prostituição em nossa época!

Uma dama canadense elevava ao céu a polícia e a vigilância exercida pela polícia feminina sobre as «decaídas» mas, quanto ao aumento dos salários, sustentava que os operários não o mereciam.

Um pastor alemão lançou raios contra o materialismo contemporâneo que ganhava cada vez mais terreno entre o povo e que contribui para a difusão da amor livre.

E, quando o delegado austríaco Hertner tentou levantar a questão das causas sociais a que remonta a prostituição, a miséria extrema das famílias operárias, a exploração do trabalho das adolescentes, as condições insuportáveis de moradia etc., um coro de exclamações hostis obrigou o orador a calar-se!

Em compensação, os delegados contavam coisas instrutivas e edificantes sobre altas personalidades. Contavam, por exemplo, que quando a imperatriz alemã visita uma clínica obstétrica de Berlim, as mães de filhos «ilegítimos» recebem alianças, a fim de não ofender o olhar da **augusta senhora** com a visão de mães solteiras!

Tudo isso pode dar uma idéia da sórdida hipocrisia dominante nesses congressos aristocráticos e burgueses. Os acrobatas da filantropia e os policiais, para quem a pobreza e a miséria são objeto de escárnio, reúnem-se para «lutar contra a prostituição», que é alimentada precisamente pela aristocracia e pela burguesia. . .

Início da página

Notas de rodapé:

(1*) Gazeta Popular de Leipzig. Jornal de esquerda. (retornar ao texto)

Inclusão	08/04/2008

O Trabalho da Mulher na Agricultura no Regime Capitalista

V. I. Lênin

31 de Julho de 1913

Primeira Edição: Do artigo A Pequena Produção na Agricultura, publicado na Rabótchaia Pravda.. nº 5, de 31 (18) de julho de 1913, (Obras Completas, vol. XVI, págs. 531-533.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

(. . .) Tomemos os dados referentes ao trabalho das mulheres na agricultura, na Áustria e na Alemanha. Para a Rússia não existem ainda dados completos, porque o governo não deseja proceder a um recenseamento de todas as empresas agrícolas, em bases científicas.

Na Áustria, o recenseamento de 1902 revelou que em 9.070.682 pessoas ocupadas na agricultura, havia 4.422.981 mulheres, ou sejam, 48,7 por cento. Na Alemanha, onde o desenvolvimento do capitalismo atingiu um nível consideravelmente mais alto, resulta que as mulheres constituem **a maioria**, exatamente 54,8 por cento dos trabalhadores ocupados na agricultura. Quanto mais o capitalismo se desenvolve na agricultura, mais se difunde o trabalho das mulheres, o que vale dizer, **pioram** as condições de vida das massas trabalhadoras. Na indústria alemã, as mulheres constituem 25 por cento dos operários, na agricultura mais do dobra. Isso significa que a indústria atrai a mão-de-obra **melhor** e deixa para a agricultura a mão-de-obra mais débil.

Nos países capitalistas desenvolvidos, a agricultura já se tornou uma ocupação predominantemente feminina.

Mas, se examinamos os dados relativos às explorações agrícolas de diferentes dimensões, constatamos que a exploração do trabalha feminino atinge um grau particularmente intenso justamente na **pequena** produção.

Ao contrário, a grande produção capitalista utiliza, predominantemente, mesmo na agricultura, o trabalho masculino, embora menos que na indústria.

Eis os dados comparativos para a Áustria e a Alemanha:

Explorações	Grupo de explorações em hectares	% de mulheres sobre o nº total de trabalhadores	
		Áustria	Alemanha
Proletárias	Menos de 1/2	52,0	74,1
	De 1/2 a 2	50,9	65,7
Camponesas	De 2 a 5	49,6	54,4
	De 5 a 10	48,5	50,2
	De 10 a 20	48,6	48,4
Capitalistas	De 20 a 100	46,6	44,8
	De 100 a mais	27,4	41,0
	No Total	48,7	54,8

Vemos assim em ambos os países uma só e mesma lei da agricultura capitalista. Quanto menor é a produção, tanto pior a composição da mão-de-obra, mais acentuada a predominância da mulher no número total de pessoas ocupadas na agricultura.

A situação geral no regime capitalista é a seguinte:

Nas explorações proletárias, isto é, nas explorações cujos «patrões» obtêm os meios de subsistência principalmente do trabalho assalariado (trabalhadores braçais, jornaleiros e, em geral, assalariados com lotes de terra pequeníssimos), o **trabalho feminino prevalece sobre o masculino** e, algumas vezes, em grau elevado.

Não se pode olvidar que o número dessas explorações proletárias ou de trabalhadores braçais é imenso: na Áustria, 1,3 milhões sobre um total de 2,8 milhões e, na Alemanha, 3,4 milhões, num total de 5,7 milhões.

Nas pequenas explorações camponesas o trabalho masculino e o feminino está difundido em igual medida.

Finalmente, nas explorações capitalistas, o trabalho masculino **predomina sobre o feminino**.

Que significa isso?

Significa que na pequena produção a composição da mão-de-obra é pior que na grande produção.

Significa que na agricultura a trabalhadora — proletária e camponesa deve despender muito mais forças, suar sangue, extenuar-se, à custa de sua saúde e da saúde de seus filhos, para ficar talvez em pé de igualdade com o trabalhador masculino da grande produção capitalista.

Significa que, no capitalismo, a pequena produção só se mantém **extraindo** da trabalhadora uma quantidade de trabalho **maior** do que a que dela se extrai na grande produção capitalista .(. . .)

Início da página

Inclusão	04/04/2008

O Direito ao Divórcio

V. I. Lênin

Outubro de 1916

Primeira Edição: Do artigo Uma Caricatura do Marxismo e o «Economismo Imperialista», escrito em outubro de 1916 e publicado em 1924 na revista Zviesdá («A Estrela»), ns. 1 e 2 (Obras Completas, vol. XIX págs. 232-233.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

(...) O exemplo do divórcio mostra de maneira evidente que é impossível ser democrata e socialista sem exigir, nos dias de hoje, a inteira liberdade de divórcio, pois a falta dessa liberdade constitui a forma extrema de humilhação da mulher, do sexo oprimido: No entanto, não é difícil compreender que reconhecer a **liberdade** de separar-se do marido não significa **convidar** toda mulher a abandonar seu próprio marido!

P. Kievski «objeta»:

> «Que faria a mulher desse direito (ao divórcio) se nesses casos (quando desejasse separar-se do marido) não pudesse exercê-lo, só pudesse exercê-lo com o consentimento de **terceiros**, ou, pior ainda, de alguém que aspirasse à sua mão? Buscaremos obter a proclamação de tais direitos? Evidentemente, não.»

Essa objeção prova a total incompreensão da relação existente entre a democracia em geral e o capitalismo. No regime capitalista, a existência de circunstâncias que não permitem às classes oprimidas «exercer» seus direitos democráticos não é um caso isolado, mais um fato habitual, um fenômeno típico. Na maior parte dos casos, no regime capitalista, o direito ao divórcio permanece letra morta porque o sexo oprimido é sufocado economicamente; porque em qualquer democracia, quando existe o regime capitalista, a mulher permanece uma «escrava doméstica», presa ao quarto de dormir, ao quarto das crianças, à cozinha. No regime capitalista, o direito do povo de eleger seus «próprios» juizes populares, funcionários, professores, jurados etc. é, na maioria das vezes, também irrealizável,

devido à opressão econômica exercida sobre os operários e os camponeses. O mesmo acontece com a república democrática: nosso programa a «proclama» «autogoverno do povo», embora os social-democratas saibam muitíssimo bem que, no regime capitalista, mesmo a república mais democrática não leva senão à corrupção dos funcionários por parte da burguesia e à aliança entre a Bolsa e o governo. Somente pessoas completamente incapazes de pensar ou completamente faltas de marxismo poderiam deduzir que a república de nada serve e que de nada servem a liberdade de divórcio, a democracia, o direito dos povos à autodeterminação. Os marxistas não ignoram que a democracia não elimina o jugo de classes, mas apenas torna a luta de classes mais nítida, mais ampla, mais aberta, mais aguda; é isso que ocorre no caso. Quanto mais completa a liberdade de divórcio, mais claro se torna para a mulher que sua «escravidão doméstica» se deve ao capitalismo e não à privação de direitos.

Quanto mais democrática é a estrutura do Estado, mais claro para os operários que a causa de todos os males é o capitalismo e não a privação de direitos. Quanto mais completa é a igualdade de direitos das nações (e ela **não** é completa sem o direito à separação), mais claro se torna para os operários da nação oprimida que a podridão está no capitalismo e não na privação de direitos. E assim por diante.

Ainda uma vez: não é agradável remoer o abecê do marxismo, mas que fazer se P. Kievski não o conhece?

A opinião, de P. Kievski sobre o divórcio é semelhante àquela enunciada por um dos secretários do exterior do Comitê de Organização, Semkovski, no Golos[(1*)] de Paris. É verdade, diz ele, que a liberdade de divórcio não é um convite às mulheres para que se separem dos maridos, mas quando se demonstra a uma mulher que todos os maridos são melhores que o seu, dá exatamente no mesmo.

Raciocinando dessa maneira, Semkovski esqueceu que a extravagância não é uma infração aos deveres de um socialista e de um democrata. Se Semkovski tentasse persuadir uma mulher qualquer de que todos os maridos são melhores que o seu, isso não seria considerado por ninguém como uma infração aos deveres de um democrata; no máximo se diria: não existe um grande partido que não possua nas suas fileiras elementos muito excêntricos! Mas se Semkovski metesse na cabeça defender e considerar democrata um homem que não reconhece a liberdade de divórcio e, por exemplo, recorre ao tribunal, à polícia ou à igreja contra uma mulher que o abandonou, então, estejamos certos, até mesmo a maior parte dos colegas do secretariado do exterior, embora maus socialistas, negaria a Semkovski qualquer solidariedade! Tanto Semkovski como P. Kievski, ao «tagarelar» sobre o divórcio, deram prova de não compreender a questão e não

tocaram no ponto essencial: o direito ao divórcio, como todos os direitos democráticos, sem exceção, dificilmente se pode exercer no regime capitalista, é relativo, restrito, formal e mesquinho mas, no entanto, nenhum social-democrata honesto incluirá entre os socialistas e nem mesmo entre os democratas, um homem que não reconheça esse direito. E isso é o essencial. Toda a «democracia» consiste na proclamação e na realização dos «direitos» que, no regime capitalista, são realizados em medida muito modesta e relativa, mas sem a sua proclamação, sem a luta imediata e direta por tais direitos, sem a educação das massas no espírito dessa luta, o socialismo é impossível (. . .)

Início da página

Notas:

(1*) A Voz. Jornal menchevique. (retornar ao texto)

Inclusão	11/04/2008

Discurso no Primeiro Congresso Pan-Russo das Operárias

V. I. Lênin

19 de Novembro de 1918

Primeira Edição: Pronunciado a 19 de novembro de 1918 e publicado na Pravda, n? 57, (228) de 10 de março de 1925. (Obras Completas, vol. XXIII, págs. 285-286.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

Companheiras!

O congresso do setor feminino do exército proletário assume, de um certo ponto de vista, importância particularmente grande, porque para as mulheres, em todos os países, tem sido mais difícil vir ao movimento. Não é possível uma revolução socialista sem a participação de imensa parte das mulheres trabalhadoras.

Em todos os países civilizados, mesmo nos mais avançados, é tal a situação das mulheres que, com razão, são consideradas escravas domésticas. Em nenhum dos estados capitalistas, nem mesmo na mais livre das repúblicas, as mulheres gozam de plena igualdade de direitos.

A República dos Sovietes tem a tarefa de abolir, ames de tudo, qualquer limitação dos direitos femininos. Para obter o divórcio, já não se exige um processo judiciário: essa vergonha burguesa, fonte de aviltamento e de humilhação, foi completamente abolida pelo poder soviético[(1*)].

Há quase um ano a lei reconhece a plena liberdade de divórcio. Promulgamos um decreto que elimina não só a diferença entre filhos legítimos e ilegítimos, mas também todas as limitações políticas que daí derivam. Em nenhuma parte do mundo a igualdade e a liberdade das mulheres trabalhadoras lograram realização tão completa.

Sabemos que todo o peso dos vínculos tradicionais cai sobre a mulher que pertence à classe operária.

Pela primeira vez na história, nossa lei cancelou tudo aquilo que fez da mulher um ser sem direitos. Mas não se trata da lei. Entre nós, a lei sobre a plena igualdade do casamento está conquistando terreno nas cidades e nas concentrações industriais, mas no campo ainda permanece letra morta. Até hoje ainda predomina ali o casamento religioso. Isso se deve à influência dos padres e esse é um mal que se combate com mais dificuldade que a antiga legislação. Os preconceitos religiosos devem ser combatidos com extrema prudência; aqueles que, no curso dessa luta, ofendem os sentimentos religiosos, acarretam muitos danos. É preciso lutar mediante trabalho de propaganda e de esclarecimento. Conduzindo uma luta mais áspera, poderemos irritar as massas; uma luta desse tipo aprofunda a divisão das massas por motivos religiosos, enquanto a nossa força reside na unidade. A origem mais profunda dos preconceitos religiosos está na miséria e na ignorância; esses são os males que temos o dever de combater.

Até hoje, devemos reconhecê-lo, a situação da mulher tem sido a de uma escrava; a mulher, escravizada pelo trabalho doméstico, só pode encontrar a própria libertação no socialismo, quando passarmos da pequena exploração camponesa para a fazenda coletiva e para o cultivo em comum da terra.

Somente então serão completas a libertação, a emancipação da mulher. É uma tarefa difícil; mas já se estão criando comitês de camponeses pobres e se aproxima o momento em que a revolução adquirirá nova força.

Apenas hoje se organiza a parte mais pobre da população das aldeias e precisamente nessas organizações de pobres o socialismo vai adquirindo base sólida.

No passado, acontecia muitas vezes que a cidade se tornava revolucionária e o campo custava a pôr-se em movimento.

A revolução atual se apóia no campo e nisso está sua importância e sua força. A experiência de todos os movimentos de libertação atesta que o êxito de uma revolução depende do grau em que dela participam as mulheres. O poder soviético faz tudo para que a mulher possa cumprir seu trabalho proletário e socialista com independência completa.

A situação do poder dos sovietes é difícil: os imperialistas de todos os países odeiam a Rússia soviética e se unem para fazer-lhe guerra, porque ela ateou o incêndio da revolução em numerosos países e deu passos decisivos em direção ao socialismo. Enquanto eles desejam esmagar a

Rússia revolucionária, a terra começa a queimar sob seus próprios pés. Não ignorais as proporções que assumiu na Alemanha o movimento revolucionário; na Dinamarca os operários lutam contra o governo; a Holanda se transforma em república soviética. O movimento revolucionário nesses pequenos países não tem importância em si, mas é muito significativo porque neles não houve guerra e existia um regime democrático bastante direitista. Se esses países se unem ao movimento revolucionário, isso nos dá a certeza de que este abrange o mundo inteiro.

Até hoje, nenhuma república pôde libertar a mulher. O poder soviético lhe dá sua ajuda. Nossa causa é invencível porque invencível, em todos os países, se ergue a classe operária. Esse movimento assinala a marcha da irresistível revolução socialista.

Início da página

Notas de rodapé:

(*) Não tanto o processo de divórcio é objeto dessa condenação severa, mas antes, a corrupção disfarçada que, na sociedade capitalista, através do procedimento jurídico, restringiu sempre às camadas privilegiadas o direito de» divórcio. De fato, com características muito diversas, o processo de divórcio foi introduzido mais tarde na União Soviética, onde, efetivamente, tem o objetivo de facilitar, nos casos possíveis, a reconciliação dos cônjuges. (retornar ao texto)

Inclusão	19/04/2008

A Contribuição da Mulher na Construção do Socialismo

V. I. Lênin

28 de Julho de 1919

Primeira Edição: De Uma Grande Iniciativa (Sobre o heroísmo das operárias na retaguarda. Com referência aos «sábados comunistas»), escrito a 28 de julho de 1919 e publicado em folheto separado em julho do mesmo ano. (Obras Completas, vol. XXIV, págs. 343-344.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

Tomemos a situação da mulher. Nenhum partido democrático do mundo, em nenhuma das repúblicas burguesas mais progressistas, realizou a esse respeito em dezenas de anos nem mesmo a centésima parte daquilo que nós fizemos apenas no primeiro ano de nosso poder. Não deixamos literalmente pedra sobre pedra de todas as abjetas leis sobre as limitações dos direitos da mulher, sobre as restrições do divórcio, sobre as odiosas formalidades às quais estava vinculado, sobre a possibilidade de não reconhecer os filhes naturais, sobre investigação de paternidade etc., leis cujas sobrevivências, para vergonha da burguesia e do capitalismo, são muito numerosas em todas os países civilizados. Temes mil vezes o direito de estar orgulhosos daquilo que fizemos nesse terreno. Mas quanto mais limparmos o terreno do entulho das velhas leis e instituições burguesas, melhor vemos que com isso apenas limpamos o terreno para construir e não empreendemos ainda a própria construção.

A mulher, não obstante todas as leis libertadoras, continua uma **escrava doméstica**, porque é oprimida, sufocada, embrutecida, humilhada pela **mesquinha** economia **doméstica**, que a prende à cozinha, aos filhos e lhe consome as forças num trabalho bestialmente improdutivo, mesquinho, enervante, que embrutece e oprime. A verdadeira **emancipação da mulher**, o verdadeiro comunismo, só começará onde e quando comece a luta das massas (dirigida pelo proletariado, que detém o

poder do Estado), contra a pequena economia doméstica ou melhor, onde comece a **transformação em massa** dessa economia na grande economia socialista.

Ocupamo-nos bastante, na prática, dessa questão que, teoricamente, é clara para todo comunista? Naturalmente, não. Temos suficiente cuidado com os germes do comunismo que já existem nesse terreno? Ainda uma vez não, e não! Os restaurantes populares, as creches e jardins de infância: eis os exemplos de tais germes, os meios simples, comuns, que nada têm de pomposo, de grandiloqüente, de solene, mas que são realmente capazes de **emancipar a mulher**, que são realmente capazes de diminuir e eliminar — dada a função que tem a mulher na produção e na vida social — a sua desigualdade em relação ao homem. Esses meios não são novos: foram criados (como em geral todas as premissas materiais do socialismo), pelo grande capitalismo; no capitalismo, porém, em primeiro lugar constituíam uma raridade e, em segundo lugar — e isso é particularmente importante — eram ou empresas comerciais, com todos os seus piores lados: especulações, corrida ao lucro, fraude, falsificações, ou «acrobacias da filantropia burguesa», que eram por justa razão odiadas e desprezadas pelos melhores operários.

Não há dúvida de que nós possuímos um número consideravelmente maior de tais instituições e que elas **começam** a mudar de caráter. Não há dúvida de que entre as operárias e as camponesas existem pessoas **dotadas de capacidade organizadora** em número muitas vezes maior do que supomos, pessoas que possuem a capacidade de organizar uma obra pratica, com a participação de grande número de trabalhadoras e de número ainda maior de consumidores e isso sem abundância de frases, sem barafunda, discussões, tagarelice sobre planos, sistemas etc., que são a eterna «doença» de um número infinito de «intelectuais», tão cheios de si e dos comunistas «recém-saídos da casca». Mas, infelizmente, **não cuidamos**, como seria preciso, desses germes da nova sociedade.

Observai a burguesia. Como sabe fazer magnificamente a publicidade daquilo que lhe é conveniente! Como as empresas, «exemplares» aos olhos dos capitalistas, são exaltadas em milhões de exemplares de seus jornais! Como se faz das instituições «modelo» um objeto de orgulho nacional! A nossa imprensa não se preocupa absolutamente, ou quase nada, em descrever os melhores restaurantes ou as melhores creches, para conseguir, mediante insistência diária, que algumas delas se tornem exemplares; de torná-las conhecidas; de descrever detalhadamente a economia de trabalho humano, a comodidade para os consumidores, a poupança de produtos, a libertação da mulher da escravidão doméstica, o melhoramento das condições sanitárias que se obtêm com um **trabalho comunista exemplar**, que se podem obter, que se podem estender a toda

a sociedade, a todos os trabalhadores.

Produção modelo, sábados comunistas modelo[(1*)], cuidado e consciência exemplares na colheita e na distribuição de cada pud[(2*)] de trigo, restaurantes modelo, limpeza exemplar nesta ou naquela casa operária, nisto ou naquilo isoladamente, tudo isso deve ser objeto de atenção e de cuidado dez vezes maiores, tanto por parte de nossa imprensa como de toda organização operária e camponesa. Todas essas coisas são germes do comunismo e o cuidado com tais germes é um dever comum a todos nós; e o dever mais importante.

<

Início da página

Notas de rodapé:

(1*) Forma de emulação socialista praticada na Rússia soviética durante os anos da guerra civil. Consistia na prestação gratuita de trabalho, por parte de grandes massas de operários, os quais, em beneficio da coletividade, renunciavam voluntariamente ao repouso a que tinham direito na tarde de sábado. (retornar ao texto)

(2*) Antiga unidade de medida russa, equivalente a cerca de 16 kg. (retornar ao texto)

Inclusão	17/10/2007

MIA> Biblioteca > Lénine > Novidades

As Tarefas do Movimento Operário Feminino na República dos Sovietes

V. I. Lênin

25 de Setembro de 1919

Primeira Edição: Discurso pronunciado na IV Conferência de operárias sem partido, da cidade de Moscou e publicado na Pravda, n» 213, de 25 de setembro de 1919. (Obras Completas, vol. XXIV, págs. 467-472.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

Camaradas!

Sinto-me feliz de trazer minha saudação à Conferência das Mulheres Operárias. Permitir-me-eis não tratar dos assuntos e dos problemas que hoje, necessariamente, preocupam mais que qualquer outra coisa todas as operárias e todos os elementos conscientes das massas trabalhadoras. Os problemas mais candentes são os do pão e de nossa situação militar. Mas, segundo o que apreendi dos informes de vossas reuniões, publicados nos jornais, esses temas foram aqui analisados exaustivamente pelo camarada Trotski, no que se refere ao problema militar, e pelos camaradas Jakovleva e Sviderski, no que concerne ao pão; permiti-me, portanto, não tratar dos mesmos.

Desejo dizer-vos algumas palavras sobre as tarefas gerais do movimento operário feminino na República dos Sovietes, tanto sobre aquelas que se ligam à passagem para o socialismo em geral, como sobre aquelas que atualmente se colocam em primeira plano, por sua urgência particular. Camaradas, o poder soviético enfrentou desde o início o problema da situação da mulher. A meu ver, todo Estado operário que se encaminhe para o socialismo, deverá cumprir uma dupla tarefa. A primeira parte dessa tarefa é relativamente simples e fácil: diz respeito às velhas leis que colocaram a mulher num estado de inferioridade em relação ao homem.

Desde muito tempo, não apenas há dezenas de anos mas há séculos, os representantes de todos os movimentos de libertação na Europa ocidental reivindicam a revogação dessas leis caducas e a instauração da igualdade jurídica entre homens e mulheres, mas nem um só dos estados democráticos europeus, nem uma só das repúblicas mais avançadas soube vir ao encontro dessa reivindicação porque, onde existe o capitalismo, onde se mantém a propriedade privada da terra, das fábricas e das oficinas, onde se mantém o poder do capital, continua inalterada a situação privilegiada dos homens. Na Rússia, essa reivindicação só pôde ser realizada porque, depois de 25 de outubro de 1917, foi instaurado o poder dos operários. O poder soviético propôs-se a tarefa, desde o início, de ser de fato o poder dos trabalhadores inimigo de de toda forma de exploração. Propôs-se a tarefa de arrancar pela raiz as possibilidades de exploração dos trabalhadores por parte dos latifundiários e dos capitalistas, de destruir o domínio do capital. O poder soviético esforçou-se para conseguir que os trabalhadores pudessem construir sua vida sem a propriedade privada das fábricas e das oficinas, sem aquela propriedade privada que, em toda parte do mundo, mesmo quando existe a plena liberdade política, mesmo nas repúblicas mais democráticas, reduziu de fato os operários à miséria e à escravidão do salário e a mulher a uma dupla escravidão.

Por isso, o poder soviético, como poder dos trabalhadores, realizou nos primeiros meses de sua existência, a reviravolta mais decisiva na legislação sobre a mulher. Na República soviética não ficou pedra sobre pedra das leis que colocavam a mulher num estado de submissão. Refiro-me, precisamente, às leis que, aproveitando-se do fato de que a mulher é mais débil, a colocavam numa situação de desigualdade, muitas vezes até mesmo humilhante; isto é, às leis que se referem ao divórcio e aos filhos naturais e àquelas sobre o direito da mulher a citar judicialmente o pai, para prover o sustento do filha.

É justamente nesse terreno que a legislação burguesa, até mesmo nos países mais avançados, deve-se dizê-lo, explora a fraqueza da mulher, privando-a de determinados direitos e humilhando-a, e é justamente nesse terreno que o poder soviético não deixou pedra sobre pedra das velhas leis injustas, intoleráveis para os representantes das massas trabalhadoras. E hoje podemos dizer, com legítimo orgulho e sem sombra de exagero, que não existe nenhum país no mundo, fora da Rússia soviética, no qual a mulher goze de completa igualdade de direitos e não se ache numa situação humilhante, que se faz sentir particularmente na vida cotidiana e familiar. Esse foi um de nossos primeiros objetivos, um dos mais importantes.

Quando vos sucede ter contacto com os partidos hostis aos bolcheviques, quando vos caem nas mãos os jornais publicados em russo nas regiões ocupadas por Koltchak e por Denikin, quando falais com

pessoas que compartilham o ponto de vista desses jornais, podeis verificar como acusam o poder soviético de não respeitar a democracia.

A nós, representantes do poder soviético, bolcheviques, comunistas e forjadores do poder soviético, reprova-se constantemente por não havermos respeitado a democracia e, como prova, invoca-se o fato de o poder soviético haver dissolvido a Constituinte. A tal acusação respondemos habitualmente: essa democracia e essa Constituinte, lançada quando existia a propriedade privada da terra, quando os homens não eram ainda iguais, quando quem possuía um capital pessoal era dono e aqueles que trabalhavam sob sua dependência eram seus escravos assalariados, para nós não valem nada. Esse tipo de democracia encobria a escravidão, até mesmo nos estados mais avançados. Nós, socialistas, pomos adeptos da democracia apenas na medida em que esta alivia a situação dos trabalhadores e dos oprimidos. O socialismo propõe-se a tarefa de sustentar em todo o mundo a luta contra toda forma de exploração do homem pelo homem. A democracia a serviço dos explorados, daqueles que estão numa situação de desigualdade jurídica: eis o que verdadeiramente importa para nós. Que quem não trabalha seja privado do direito de voto, eis a verdadeira igualdade entre os homens. Não deve haver pessoas que não trabalhem. Para responder àquela acusação é preciso saber como se concretiza a democracia neste ou naquele Estado. Veremos então que em todas as repúblicas democráticas se proclama a igualdade, mas nas leis civis e nas leis que regulam a situação da mulher, sua posição na família, o divórcio, vemos a cada passo o estado de desigualdade e de inferioridade da mulher e dizemos que se trata exatamente de uma violação da democracia no que se refere aos oprimidos. Não deixando, subsistir em suas leis o menor sinal de desigualdade da mulher, o poder soviético realizou a democracia de uma forma mais elevada que em qualquer outro país, inclusive os mais avançados. Repito: nenhum Estado, nenhuma legislação democrática fez pela mulher nem a metade daquilo que fez o poder soviético nós primeiros meses de sua existência.

É claro, que não bastam leis e não nos contentamos absolutamente com as realizações de caráter legislativo, às quais já nos referimos, mas realizamos tudo que se exigia para colocar a mulher em pé de igualdade e podemos com razão estar orgulhosos.

Hoje, na Rússia soviética, a situação da mulher pode considerar-se ideal, se comparada com a existente nos Estados mais avançados. Afirmamos, no entanto, que isso é apenas o começo.

A situação da mulher, no que se refere aos trabalhas domésticos, ainda continua penosa. Para que a mulher seja completamente emancipada e efetivamente igual ao homem, é preciso que os trabalhos domésticos sejam

coisa pública e que a mulher participe do trabalho produtivo geral. Então ela terá uma posição igual à do homem.

Não se trata, por certo, de abolir para a mulher todas as diferenças concernentes ao rendimento do trabalho, à quantidade e condições de trabalho, mas de pôr fim à opressão da mulher que decorre da diferente situação econômica dos dois sexos. Todas vós sabeis que, mesmo quando existe plena igualdade de direitos, essa opressão da mulher continua de fato a subsistir, porque sobre ela cai todo o peso do trabalho doméstico que, na maior parte dos cases, é o trabalho menos produtivo, mais pesado, mais bárbaro. É um trabalho extremamente mesquinho que não pode contribuir, no mínimo que seja, para o desenvolvimento da mulher.

Buscando o ideal socialista, queremos lutar pela plena realização do socialismo e aqui um vasto campo de trabalho se abre diante das mulheres. Hoje, nos preparamos seriamente para limpar o terreno no qual será construído o socialismo, mas a construção do socialismo só começará quando, depois de haver realizado a igualdade completa da mulher, juntamente com ela, libertada de uma atividade mesquinha, degradante, improdutiva, nas lançarmos ao novo trabalho. Será um trabalho de longos anos que não dará resultados tão rápidos, nem produzirá efeitos tão brilhantes.

Criaremos instituições modelos, refeitórios, creches, que libertarão as mulheres do trabalho doméstico. E a tarefa de organizar todas essas instituições caberá antes de tudo às mulheres. É preciso dizer que existem hoje na Rússia pouquíssimas instituições aptas a ajudar as mulheres a saírem da situação de escravas domésticas. Seu número é ínfimo e as condições atuais da República dos Sovietes, tanto no terreno militar, come no do abastecimento — dos quais já vos falaram detalhadamente os camaradas — dificultam esse trabalho. Todavia, deve-se dizê-lo, em qualquer parte que se apresente a mínima possibilidade, surgem as instituições que libertarão as mulheres da condição de escravas domésticas. Como dizemos que a emancipação dos operários deve ser obra dos próprios operários, assim também afirmamos que a emancipação das operárias deve ser obra das próprias operárias. As próprias operárias devem ocupar-se do desenvolvimento das instituições desse tipo; e essa atividade das mulheres conduzirá a uma transformação completa de sua antiga situação na sociedade capitalista.

Na velha sociedade capitalista, para ocupar-se de política exigia-se uma preparação específica; por isso a participação das mulheres na política era insignificante, até mesmo nos países capitalistas mais avançados e mais livres. Nossa tarefa é tornar a política acessível a qualquer trabalhadora. Desde o momento em que a propriedade privada da terra e das fábricas é

abolida e o poder dos latifundiários e dos capitalistas derrubado, as tarefas política das massas trabalhadoras e das mulheres trabalhadoras se tornam simples, claras e inteiramente acessíveis a todos. Na sociedade capitalista, a mulher é privada dos direitos políticos a tal ponto que sua participação na política é quase nula em relação à do homem. Para modificar essa situação, é preciso instaurar o poder dos trabalhadores e então as principais tarefas políticas englobarão tudo que interessa diretamente à sorte dos próprios trabalhadores.

Para isso se torna indispensável a participação das trabalhadoras, não somente daquelas que são membros do Partido e conscientes, mas também das mulheres sem partido e menos conscientes. Para isso, o poder soviético abre para as mulheres um vasto campo de atividades.

Tem sido muito difícil lutar contra as forças inimigas que atacam a Rússia soviética. Tem sido difícil combater militarmente as forças que atacam o poder dos trabalhadores recorrendo à guerra e combater no terreno da produção contra os especuladores, porque não temes número suficiente de pessoas, de trabalhadores, que nos tenham vindo ajudar com todas as suas energias. E não existe nada de mais precioso para o poder soviético que a ajuda da grande massa das trabalhadoras sem partido. Que elas o saibam: se na velha sociedade burguesa a atividade política exigia talvez uma complexa preparação específica, que não estava ao alcance da mulher, na Rússia soviética a atividade política, uma vez que consiste principalmente em lutar contra os latifundiários e os capitalistas, em lutar por abolir a exploração, é acessível às operárias, que podem colaborar com os homens, utilizando sua própria capacidade organizadora..

Não necessitamos, porém, apenas de um trabalho de organização que interesse a milhões de pessoas. Necessitamos também de um trabalho de organização em escala mais reduzida, que permita às mulheres participar dele. A mulher pode trabalhar mesmo no terreno militar, quando se trata de ajudar o exército, de realizar em suas fileiras um trabalho de agitação. A mulher deve contribuir ativamente para que o Exército Vermelho se sinta cercado de nossa atenção, de nossos cuidados. Pode trabalhar também no abastecimento, na distribuição dos produtos, pela melhoria da alimentação das massas, para desenvolver os restaurantes que se estão criando, em grande número, em Petrogrado.

Eis aí os campos em que a atividade da operária aquire uma real importância organizadora. A participação das mulheres é além disso indispensável para organizar e controlar as grandes fazendas agrícolas experimentais, para garantir que estas iniciativas não sejam abandonadas a si mesmas. Sem o concurso de grande número de trabalhadoras uma obra desse tipo é irrealizável. A operária pode perfeitamente realizar esta tarefa,

controlando a distribuição dos produtos, cuidando de que eles possam mais facilmente chegar à população. É uma tarefa que não é superior às forças da operária sem partido e, aliás, sua solução contribuirá mais que qualquer outra coisa para a consolidação da sociedade socialista.

Abolindo a propriedade privada da terra e, quase completamente, das fábricas e das oficinas, o poder soviético busca fazer que dessa edificação econômica participem todos os trabalhadores, não apenas os membros do Partido, mas também os sem-partido, não somente os homens, mas também as mulheres. Essa obra empreendida pelo poder soviético só progredirá com a condição de que em toda a Rússia não sejam centenas, mas milhões e milhões de mulheres que lhe dêem apoio. Então, estejamos certos, a construção socialista lançará raízes profundas. Então, os trabalhadores demonstrarão que podem viver e governar sem latifundiários e sem capitalistas. Então, a construção socialista terá na Rússia uma base tão sólida que nenhum inimigo interior ou exterior será temido pelo poder soviético.

Início da página

Inclusão	18/10/2007

O Poder Soviético e a Situação da Mulher

V. I. Lênin

06 de Novembro de 1919

Primeira Edição: Publicado na Pravda, nº 249, de 6 de novembro de 1919. (Obras Completes, vol. XXIV, págs, 517-519.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

O segundo aniversário do poder soviético nos impõe passar em revista tudo aquilo que foi realizado no decorrer desse período e refletir sobre a significação e os fins da revolução que realizamos.

A burguesia e seus defensores nos acusam de haver violado a democracia. Declaramos que a revolução soviética deu à democracia um impulso sem precedentes, tanto em amplitude como em profundidades; esse impulso ela o deu precisamente à democracia para as massas trabalhadoras exploradas pelo capitalismo, isto é, à democracia para a imensa maioria do povo, à democracia socialista (para os trabalhadores), que se deve distinguir da democracia burguesa (para os exploradores, os capitalistas, os ricos).

Com quem está a razão?

Refletir sobre esse problema e aprofundá-lo, significa levar em conta a experiência desses dois anos e preparar-se melhor para seu posterior desenvolvimento.

A posição da mulher põe particularmente em evidência a diferença entre a democracia burguesa e a socialista e dá uma resposta particularmente clara ao problema que antes levantamos.

Em nenhuma república burguesa (isto é, onde existe a propriedade privada da terra, das fábricas, das minas, das ações, etc.) mesmo na mais

democrática, em nenhum lugar do mundo, mesmo no **país mais avançado**, a mulher goza de **plena igualdade de direitos**. E isso apesar de haverem decorrido 130 anos desde a grande revolução francesa democrático-burguesa.

Em palavras, a burguesia democrática promete a igualdade e a liberdade, mas, de fato, até mesmo a república burguesa mais avançada **não deu** à metade feminina do gênero humano, a plena igualdade jurídica com o homem, nem a libertou da tutela e da opressão deste último.

A democracia burguesa é uma democracia feita de frases pomposas, de expressões altissonantes, de promessas grandiloqüentes, de belas palavras de ordem **de liberdade** e **de igualdade**, mas, na realidade, dissimula a falta de liberdade e de igualdade da mulher, a falta de liberdade e de igualdade dos trabalhadores e explorados.

A democracia soviética ou socialista repele o verbalismo pomposo e falso, declara guerra impiedosa à hipocrisia dos «democratas», dos latifundiários, dos capitalistas ou dos camponeses bem alimentados que se enriquecem vendendo a preços exorbitantes seus excedentes de trigo aos operários famintos.

Abaixo esta mentira ignóbil! A «igualdade» entre opressores e oprimidos, entre explorados e exploradores é impossível, não existe e jamais existirá. Não pode haver, não há e não haverá verdadeira «liberdade» enquanto a mulher não for libertada dos privilégios que a lei reconhece ao homem, enquanto o operário não for libertado do jugo do capital, enquanto o camponês trabalhador não for libertado do jugo do capitalista, do latifundiário, do comerciante .

A que ponto os mentirosos e os hipócritas, os imbecis e os cegos, os burgueses e seus defensores enganam o povo falando-lhe de liberdade, de igualdade, de democracia em geral!

Nós dizemos aos operários e aos camponeses: arrancai a máscara desses mentirosos, abri os olhos desses cegos. Perguntai-lhes:

Igualdade de que sexo com que sexo?

De que nação com que nação?

De que classe com que classe?

Liberdade de que jugo ou do jugo de que classe?

Liberdade para que classe?

Quem fala de política, de democracia, de liberdade, de igualdade, de socialismo, **sem fazer** tais perguntas e sem colocá-las no primeiro plano sem lutar contra as tentativas de esconder, dissimular e silenciar tais problemas, é o pior inimigo dos trabalhadores, um lobo na pele de cordeiro, o pior inimigo dos operários e dos camponeses, um servidor dos grandes latifundiários, do tzar, dos capitalistas.

Em dois anos, em um dos países mais atrasados da Europa, o poder soviético fez pela emancipação da mulher, por sua igualdade com o sexo «forte», mais do que haviam feito todas as republicas avançadas, cultas, «democráticas» do mundo inteiro, no curso de cento e trinta anos.

Educação, cultura, civilização, liberdade: a todas essas palavras altissonantes, em toda república burguesa, capitalista, do mundo correspondem leis incrivelmente abjetas, de vilania repelente, grosseiramente bestiais, que consagram a desigualdade jurídica da mulher no que se refere ao casamento e ao divórcio, sancionam a desigualdade entre os filhos naturais e os «legítimos» e, atribuindo privilégios aos homens, humilham e ofendem a mulher. O jugo do capital, a opressão da «sagrada propriedade privada», o despotismo da estupidez burguesa, a cobiça do pequeno patrão impediram às repúblicas burguesas mais democráticas tocar nessas leis vis e abjetas.

A República dos Sovietes, a república dos operários e dos camponeses, varreu de um golpe, para sempre, todas essas leis, não deixando pedra sobre pedra dos edifícios construídos pela mentira e hipocrisia burguesas.

Abaixo essa mentira! Abaixo os mentirosos que falam de liberdade e de igualdade **para todos**, quando existe um sexo oprimido e classes de opressores, quando existe a propriedade privada do capital e das ações, quando existem indivíduos que engordam com seus excedentes de trigo e subjugam os esfaimados.

Não liberdade para todos, não igualdade para todos, mas **luta** contra os opressores e os exploradores, **liquidação de qualquer possibilidade** de oprimir e de explorar. Esta é a nossa palavra de ordem!

Liberdade e igualdade para o sexo oprimido!

Liberdade e igualdade para o operário, para o camponês trabalhador!

Luta contra os opressores, contra os capitalistas, contra o culaque especulador!

Este o nosso grito de guerra, nossa verdade proletária, a verdade da luta contra o capital, a verdade que lançamos à face do mundo capitalista, este mundo de frases melífluas, hipócritas, grandiloqüentes, sobre a

liberdade e a igualdade **em geral**, sobre a liberdade e a igualdade **para todos**.

E justamente porque arrancamos a máscara a essa hipocrisia, porque, com energia revolucionária, realizamos a liberdade e a igualdade para os oprimidos e os trabalhadores, contra os opressores, os capitalistas e os culaques, justamente por isso, o poder soviético se tornou tão querido aos operários do mundo inteiro.

Justamente por isso contamos hoje, no segundo aniversário do poder soviético, com a simpatia das massas operárias, dos oprimidos e dos explorados de todos o.s países do mundo.

Justamente por isso, no segundo aniversário do poder soviético, apesar da fome e do frio, apesar de todas as desventuras que nos acarretou a invasão da República Soviética Russa por parte dos imperialistas, estamos absolutamente certos de que nossa causa é justa e de que o poder soviético está destinado a vencer em todo o mundo.

Início da página

Inclusão	19/10/2007

Às Operárias

V. I. Lênin

22 de Fevereiro de 1920

Primeira Edição: Publicado na Pravda, nº 40, de 22 de fevereiro de 1920. (Obras Completas, vol. XXV, págs. 40-41.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

Camaradas! As eleições para o Soviete de Moscou(1*) devem provar que o Partido Comunista se afirma no seio da classe operária.

As operárias devem participar em maior número das eleições. Primeiro e único no mundo, o poder dos sovietes aboliu completamente todas as velhas leis burguesas, as abomináveis leis que punham a mulher num estado de inferioridade em relação ao homem, que reconheciam ao homem, para citar apenas- um exemplo, uma posição de privilégio na esfera do direito matrimonial e das relações com os filhos. Primeiro e único no mundo, o poder dos sovietes, como poder dos trabalhadores, aboliu todas aquelas vantagens que, originadas da propriedade, ainda hoje são atribuídas ao homem no direito familiar nas repúblicas burguesas mais democráticas.

Onde existem latifundiários, capitalistas e comerciantes, não pode existir a igualdade entre o homem e a mulher, nem mesmo diante da lei.

Onde não existem latifundiários, capitalistas e comerciantes, onde o poder dos trabalhadores constrói uma nova vida sem tais exploradores, existe diante da lei a igualdade entre o homem e a mulher.

Mas não basta.

A igualdade diante da lei não é ainda a igualdade efetiva.

É preciso que a operária conquiste a igualdade com o operário não somente diante da lei, mas também de fato. Por isso as operárias devem

participar em medida cada vez maior da gestão das empresas públicas e da administração do estado.

As mulheres farão rapidamente sua aprendizagem na administração e estarão à altura dos homens.

Elegei, portanto, para o soviete um maior número de operárias, tanto comunistas como sem-partido. Desde que uma operária seja honesta, conscienciosa e dê bom rendimento no trabalho, que importa que não pertença ao Partido? Elegei-a para o Soviete de Moscou!

Mais operárias para o Soviete de Moscou! Demonstre o proletariado moscovita que está disposto a fazer tudo, e que tudo faz para lutar até a vitória, para lutar contra a velha desigualdade, contra o antigo aviltamento burguês da mulher!

O proletariado não alcançará a emancipação completa se não for conquistada primeiro a completa emancipação das mulheres!

Início da página

Notas de rodapé:

(1*) As eleições para o Soviete de deputados operários, camponeses e soldados de Moscou realizaram-se em fevereiro de 1920. Foram eleitos 1.532 deputados, dos quais 1.399 homens e 133 mulheres. A composição política do novo soviete era a seguinte: 1.220 comunistas, 50 candidatos do Partido, 50 simpatizantes, 40 mencheviques, 3 anarquistas, 1 social-democrata independente, 1 socialista judeu do Partido Unificado, 166 sem partido. (retornar ao texto)

Inclusão	11/11/2007

O Dia Internacional da Mulher
(1920)

V. I. Lênin

7 de Março de 1920

Primeira Edição: Publicado no suplemento da Pravda, nº 62, de 7 de marco de 1920. (Obras Completas, vol. XXV, págs. 63-64.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

O capitalismo alia à igualdade puramente formal a desigualdade econômica e, portanto, social. Essa é uma de suas características fundamentais hipocritamente dissimulada pelos defensores da burguesia, pelos liberais e não compreendida pelos democratas pequeno-burgueses. Dessa característica do capitalismo decorre, entre outras coisas, a necessidade, na luta decidida pela igualdade econômica, de reconhecer abertamente a desigualdade capitalista e, mesmo, em certas condições de colocar esse reconhecimento explicito da desigualdade na base do Estado proletário (Constituição soviética).

Mas, mesmo no que se refere à igualdade formal (igualdade diante da lei, a «igualdade» entre o bem nutrido e o esfaimado, entre o possuidor e o espoliado), o capitalismo **não pode** dar prova de coerência. E uma das manifestações mais eloqüentes de sua incoerência é a **desigualdade** entre o homem e a mulher.

Nenhum Estado burguês, por mais progressista republicano e democrático que fosse, concedeu completa igualdade de direitos ao homem e à mulher.

Ao contrário, a República da Rússia Soviética varreu para sempre, de um só golpe, **sem exceção**, todos os resquícios das leis que colocavam os dois sexos em condições desiguais e garantiu imediatamente à mulher a igualdade jurídica mais completa.

Já se disse que o índice mais importante do progresso de um povo é a

situação jurídica da mulher.[(1*)] Existe nessa fórmula um grão de profunda verdade. Desse ponto de vista, apenas a ditadura do proletariado, apenas o Estado socialista, podia alcançar e alcançou o grau mais avançado do progresso.

Por isso o novo impulso, de força sem precedentes, do movimento operário feminino está ligado à criação (e à consolidação) da primeira república dos sovietes e, ao mesmo tempo, da Internacional Comunista.

Aqueles a quem o capitalismo oprimia de modo direto ou indireto, total ou parcial, o regime dos sovietes — e apenas este regime — assegura a democracia. As condições da classe operária e dos camponeses mais pobres comprovam-no claramente. Comprovam-no claramente as condições da mulher.

Mas a regime dos sovietes é o instrumento da luta final, decisiva, pela **abolição das classes**, pela igualdade econômica e social. **Não nos basta** democracia, mesmo a democracia para os oprimidos pelo capitalismo, nestes se incluindo o sexo oprimido.

O movimento operário feminino propõe-se como tarefa principal a luta por conquistar para a mulher a igualdade econômica e social e não apenas igualdade formal. Fazer a mulher participar do trabalho social produtivo, arrancá-la da «escravidão doméstica», libertá-la do jugo degradante e humilhante, eterno e exclusivo do ambiente da cozinha e do quarto dos filhos: eis a principal tarefa.

Será uma luta prolongada porque exige a transformação radical da técnica social e dos costumes. Mas terminará com a vitória completa do comunismo.

Início da página

Notas de rodapé:

(1*) Alusão ao aforismo de Ch. Fourier: «O progresso social e as transformações periódicas ocorrem em virtude do progresso da mulher em direção à liberdade.» «. . . A extensão dos direitos da mulher é a base geral de todo progresso social.» (retornar ao texto)

Inclusão	08/03/2008

O Dia Internacional da Mulher
(1921)

V. I. Lênin

8 de Março de 1921

Primeira Edição: Publicado no suplemento da Pravda, nº 5, de 8 de março de 1921. (Obras Completas, vol. XXVI, págs. 193-194.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

O resultado principal, fundamental, obtido pelo bolchevismo e pela Revolução de Outubro é haver atraído para a política justamente aqueles que eram mais oprimidos sob o capitalismo. Eram camadas que os capitalistas escravizavam, enganavam, roubavam, tanto no regime monárquico como nas repúblicas democrático-burguesas. Esse jugo, esse engodo, essa pilhagem do trabalho do povo, por parte dos capitalistas, era inevitável enquanto existisse a propriedade privada da terra, das fábricas, das usinas.

A essência do bolchevismo, do poder soviético, consiste em que ao desmascarar a mentira e a hipocrisia do democratismo burguês, ao abolir a propriedade privada da terra, das fábricas e das usinas, concentra todo o poder do Estado nas mãos das massas trabalhadoras e exploradas. Essas massas tomam a política em suas mãos, isto é, a tarefa de construir uma nova sociedade.

É uma tarefa difícil: as massas estavam escravizadas, sufocadas pela capitalismo, mas não existe nem pode existir outro caminho para sair da escravidão do salário, da escravidão capitalista.

Não é possível, porém, atrair as massas para a política se não se atraem as mulheres. No regime capitalista, de fato, a metade do gênero humano, constituída pelas mulheres, sofre dupla opressão. A operária e a camponesa são oprimidas pelo capital e, além do mais, mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas, persiste, em primeiro lugar, a desigualdade jurídica, porque a lei não lhes concede igualdade com os

homens e, em segundo lugar — e essa é a questão essencial — elas sofrem a «escravidão doméstica», são «escravas domésticas», sufocadas pelo trabalho mais mesquinho, mais humilhante, mais duro, mais degradante, o trabalho da cozinha e da casa, que as relega ao âmbito estreito da própria casa e da própria família.

A revolução bolchevista soviética, arranca as raízes da opressão e da desigualdade das mulheres muito mais profundamente do que o tenha ousado, até hoje, qualquer partido e qualquer revolução. Entre nós, na Rússia soviética, não restou nenhum vestígio da desigualdade jurídica entre homens e mulheres. O poder soviético aboliu por completo a desigualdade particularmente ignóbil, abjeta e hipócrita que caracterizava o direito matrimonial e de família, a desigualdade em relação aos filhos.

Tudo isso é apenas o primeiro passo para a emancipação da mulher. Todavia, nenhuma das repúblicas burguesas, nem mesmo a mais democrática ousou dar esse primeiro passo. Não o ousou, tímida, detendo-se diante da «sagrada propriedade privada».

O segundo passo, o mais importante, consistiu na abolição da propriedade privada da terra, das fábricas e das usinas. Essa abolição, e somente ela, abre caminho para a emancipação completa e efetiva da mulher, para sua libertação da «escravidão doméstica», porque assinala a passagem da mesquinha e fechada economia doméstica para a grande economia socializada.

Essa passagem é difícil, pois é preciso transformar uma «ordem de coisas» das mais enraizadas, tradicionais, enrijecidas e inveteradas (na verdade trata-se de infâmias e barbarias e não de uma «ordem de coisas»). Mas a passagem foi iniciada; pusemo-nos ao trabalho e já marchamos por um novo caminho.

Por ocasião do Dia Internacional da Mulher, as operárias de todos os países do mundo, reunidas em inúmeros comícios, enviarão sua saudação à Rússia soviética, que iniciou uma obra extremamente difícil, árdua, mas grandiosa, de porte mundial, precursora de uma verdadeira emancipação da mulher. Erguerão apelos corajosos para que não se deixem atemorizar pela reação encarniçada e às vezes feroz da burguesia. Quanto mais um país burguês é «livre» ou «democrático», tanto mais o bando dos capitalistas se desespera e enfurece contra a revolução operária; basta tomar como exemplo a república democrática dos Estados Unidos. Mas a massa dos operários já despertou. As massas adormecidas, ou semi-adormecidas, inertes, da América, da Europa e da atrasada Ásia despertaram definitivamente com a guerra imperialista.

Em todas as partes do mundo, rompeu-se o gelo.

A libertação dos povos do jugo imperialista, a libertação dos operários e das operárias do jugo do capital realiza progressos irresistíveis. Essa obra foi empreendida por dezenas e centenas de milhões de operários e operárias, de camponeses e camponesas. Por isso, essa obra, a libertação do trabalho do jugo do capital, triunfará no mundo inteiro.

Início da página

Inclusão	23/05/2008

A Instituição do Divórcio Não Destrói a Família

V. I. Lênin

12 de Março de 1922

Primeira Edição: Do artigo A Significação do Materialismo Militante, escrito a 12 de março de 1922 e publicado no mesmo mês na revista Pod Znameniem Marksisma («Sob a Bandeira do Marxismo»). (Obras Completas, vol. XXVII, págs. 188-189.)
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, setembro 2007.

Foi-me enviado recentemente o primeiro número (1922) da revista Ekonomist, publicada pela seção XI da «Associação Técnica Russa»(1*). O jovem comunista que me enviou essa revista (e que provavelmente não tinha tido tempo de tomar conhecimento do conteúdo), faz da mesma, imprudentemente, um julgamento de todo favorável. Ora, a revista é, não sei até que ponto conscientemente, o órgão dos atuais ultra-reacionários, que se cobrem, bem entendido, com o manto da ciência, do democratismo etc..

Um certo P. A. Sorokin publica nessa revista vastos estudos de pretensa «sociologia», Sobre a Influência da Guerra. Nesse sábio artigo pululam referências eruditas às obras «sociológicas» do autor e de seus numerosos mestres e colegas estrangeiros.

Eis qual é a sua «erudição».

Na página 83 lemos:

> «Em Petrogrado sobre 10.000 casamentos se contam hoje 92,2 divórcios. Cifra fantástica: acrescentamos que, em 100 casamentos, 51,1 foram dissolvidos ao fim de menos de um ano, 11 ao fim de menos de um mês, 22 ao fim de menos de dois meses, 41 ao fim de menos de três a seis meses e apenas 26 ao fim de mais de seis meses. Esses dados provam que o casamento

legal é atualmente uma formalidade que encobre relações sexuais substancialmente extraconjugais e permite aos amantes de 'aventuras' satisfazer legalmente seus 'apetites'» (Ekonomist, n.9 1, pág. 83).

Não há dúvida de que esses senhores e com eles a «Associação Técnica Russa» que publica a revista em questão e expõe tais argumentos se incluiriam entre os adeptos da democracia e se considerariam profundamente ofendidos se fossem chamados por seu verdadeiro nome, isto é: feudais, reacionários e «agentes diplomáticos do obscurantismo».

O conhecimento mesmo superficial da legislação dos países burgueses relativa ao casamento, ao divórcio e aos filhos naturais, como também da situação que de fato existe neles, mostrará a quem quer que se interesse pela questão, como a democracia burguesa dos nossos dias, mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas, tem a esse respeito uma atitude verdadeiramente feudal no que se refere à mulher e aos filhos naturais.

Isso naturalmente não impede aos mencheviques, aos social-revolucionários e a uma parte dos anarquistas, como também a todos os partidos correspondentes do Ocidente, de continuar a tagarelar sobre a democracia e sobre a violação da mesma por parte dos bolcheviques. Na realidade, justamente a revolução bolchevique é a única revolução democrática conseqüente diante das questões do casamento, do divórcio e da situação dos filhos naturais. E são questões que tocam muito diretamente os interesses de mais da metade da população de cada país. Apenas a revolução bolchevique sustentou nesse terreno, e pela primeira vez, apesar das múltiplas revoluções burguesas que a precederam e que se diziam democráticas, uma luta decidida tanto contra a reação e a sujeição, como contra a habitual hipocrisia das classes dirigentes e possuidoras. Se 92 divórcios sobre 10.000 casamentos parecem ao senhor Sorokin uma cifra fantástica, não nos resta supor senão que o autor não tenha vivido e tenha sido criado num mosteiro tão isolado da vida que dificilmente se pode crer na existência de tal mosteiro, ou então que deturpa a verdade para agradar a reação e a burguesia. Quem quer que conheça, ainda que pouco, as condições sociais existentes nos países burgueses, sabe que na realidade o número dos divórcios efetivamente realizados (não homologados, é claro, pela Igreja e pela lei) é em toda parte infinitamente superior. A esse respeito, a Rússia se distingue dos outros países apenas porque suas leis, ao invés de consagrarem a hipocrisia e a privação de direitos da mulher e dos seus filhes, declaram abertamente, em nome do Estado, uma guerra sistemática a qualquer hipocrisia e a qualquer privação de direitos.

Início da página

Notas de rodapé:

(1*) A «Associação Técnica Russa» foi organizada em 1866 com objetivos de divulgação. A partir de 1917 passou a desenvolver uma função contra-revolucionária. Foi dissolvida em 1929. (retornar ao texto)

Inclusão	25/04/2008

Lênin e o Movimento Feminino

Clara Zetkin

1920

Primeira Edição: Clara Zetkin — in Notas de Meu Diário. Lênin, Tal Como Era. Páginas escritas depois da morte de Lênin.
Fonte: O Socialismo e a Emancipação da Mulher, Editorial Vitória, 1956.
Tradução: Editorial Vitória.
Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo, dezembro 2007.

O camarada Lênin falou-me várias vezes sobre a questão feminina, à qual atribuía grande importância, uma vez que o movimento feminino era para ele parte integrante e, em certas ocasiões, parte decisiva do movimento de massas. É desnecessário dizer que ele considerava a plena igualdade social da mulher como um princípio indiscutível do comunismo.

Nossa primeira conversação longa sobre esse assunto teve lugar no outono de 1920, no seu grande gabinete, no Kremlin. Lênin estava sentado diante de sua mesa coberta de livros e de papéis, que indicavam seu tipo de ocupação e seu trabalho, mas sem exibir «a desordem dos gênios».

> «Devemos criar necessariamente um poderoso movimento feminino internacional, fundado sobre uma base teórica clara e precisa» — começou ele, depois de haver-me saudado. «É claro que não pode haver uma boa prática sem teoria marxista. Nós, comunistas, devemos manter sobre tal questão nossos princípios, em toda sua pureza. Devemos distinguir-nos claramente de todos os outros partidos. Infelizmente, nosso II Congresso Internacional não teve tempo de tomar posição sobre esse ponto, embora a questão feminina tivesse sido ali levantada. A culpa é da comissão, que faz com que as coisas se arrastem. Ela deve elaborar uma resolução, teses, uma linha precisa. Mas até agora seus trabalhos não avançaram muito. Deveis ajudá-la.»

Já ouvira falar do que agora me dizia Lênin e expressei-lhe meu espanto. Era uma entusiasta de ,tudo quanto haviam feito as mulheres

russas durante a revolução, de tudo quanto ainda faziam para defendê-la e para ajudá-la a desenvolver-se. Quanto à posição e à atividade das mulheres no Partido bolchevique, parecia-me que, por este lado, o Partido se mostrava realmente à altura de sua tarefa. Só o Partido bolchevique fornece quadros experimentados, preparados, para o movimento feminino comunista internacional e, ao mesmo tempo, serve de grande exemplo histórico.

> «Exato, exatíssimo» — observou Lênin com um leve sorriso. «Em Petrogrado, em Moscou, nas cidades e nos centros industriais afastados, o comportamento das mulheres proletárias durante a revolução foi soberbo. Sem elas, muito provavelmente não teríamos vencido. Essa é minha opinião. De que coragem deram provas e que coragem mostram ainda hoje! imaginai todos os sofrimentos e as privações que suportaram. . . Mas mantêm-se firmes, não se curvam, porque defendem os sovietes, porque querem a liberdade e o comunismo.
>
> Sim, as nossas operárias são magníficas, são verdadeiras lutadoras de classes. Merecem nossa admiração e nosso afeto.
>
> Sim, possuíamos em nosso Partido companheiras seguras, capazes e incansáveis. Podemos confiar-lhes postos importantes nos sovietes, nos comitês executivos, nos Comissariados do Povo, na administração. Muitas delas trabalham dia e noite no Partido ou entre as massas proletárias e camponesas, ou no Exército Vermelho. Tudo isso é muitíssimo precioso para nós. E é importante para as mulheres do mundo inteiro, porque comprova a capacidade das mulheres e o elevado valor que tem seu trabalho, para a sociedade.
>
> A primeira ditadura do proletariado abre verdadeiramente o caminho para a completa igualdade social da mulher. Elimina mais preconceitos que a montanha de escritos sobre, a igualdade feminina. E apesar de tudo isso, não possuímos ainda um movimento feminino comunista internacional. Mas devemos chegar a formá-lo, a todo custo. Devemos proceder imediatamente à sua organização. Sem esse movimento, o trabalho de nossa Internacional e das suas seções será incompleto e assim permanecerá.
>
> Nosso trabalho revolucionário deve ser conduzido até o fim. Mas, dizei-me, como vai o trabalho comunista no exterior?»

Transmiti-lhe todas as informações que havia conseguido recolher; informações limitadas, em virtude dos elos débeis e irregulares que então

existiam entre os partidos aderentes à Internacional Comunista. Lênin, um pouco inclinado para a frente, escutava atento, sem nenhum sinal de aborrecimento, de impaciência ou cansaço. Interessava-se vivamente mesmo por detalhes de importância secundária.

Não conheço ninguém que saiba escutar melhor que ele, classificar tão rapidamente os fatos e coordená-los, como se podia ver pelas perguntas breves, mas sempre muito precisas, que me dirigia, de vez em quando, enquanto eu falava e pela maneira de voltar depois a algum detalhe de nossa conversa. Ele havia tomado algumas anotações breves.

Naturalmente falei principalmente da situação na Alemanha. Disse-lhe que Rosa[(1)] considerava da maior importância conquistar para a luta revolucionária as massas femininas. Quando se formou o Partido Comunista, Rosa insistiu para que se publicasse um jornal dedicado ao movimento feminino. Quando Leo Jogiches examinava comigo o plano de trabalho do Partido, durante nosso último encontro, trinta e seis horas antes que o assassinassem, e me confiava algumas tarefas a realizar, "incluía também um plano de organização para as operárias. Essa questão já fora tratada na primeira conferência ilegal do Partido. Os propagandistas e os dirigentes mais preparados e experientes, que se haviam distinguido antes da guerra e durante a mesma, haviam permanecido quase todos nos partidos social-democratas das duas tendências, exercendo uma grande influência sobre as massas conscientes e ativas de operárias. Todavia, mesmo entre as mulheres, se havia formado um núcleo de camaradas enérgicas e cheias de abnegação, que participavam de todo o trabalho e da luta de nosso Partido. O Partido, por sua parte, estava desenvolvendo uma ação metódica entre as operárias. Tratava-se apenas do começo, mas de um bom começo.

> «Não vai mal, de fato não vai mal» — disse Lênin. «A energia, o espírito de abnegação e o entusiasmo das mulheres comunistas, sua coragem e sua inteligência no período da ilegalidade ou de semi-legalidade, abrem uma bela perspectiva para o desenvolvimento desse trabalho. Apoderar-se das massas e organizar sua ação, eis os elementos preciosos para o desenvolvimento e o reforço da partido.
>
> Mas, em que ponto estais, no que se refere à compreensão exata da base dessa ação? Como ensinais às camaradas ? Esse problema tem uma importância decisiva para o trabalho que se deve desenvolver entre as massas. Exerce uma grande influência, porque penetra justamente no coração da massa, porque a atrai para nós e a inflama. Não consigo recordar-me agora quem foi que disse: nada se faz de grande sem paixão. Ora, nós e os

trabalhadores do mundo inteiro temos ainda, de fato, grandes coisas a realizar.

Assim, que anima vossas camaradas, as mulheres proletárias da Alemanha? Em que ponto está sua consciência de classe, de proletárias? Seus interesses, sua atividade se voltam para as reivindicações políticas do momento? Sobre que se concentra sua atenção?

A esse respeito, ouvi dizer coisas estranhas, às camaradas russas e alemãs. Devo contar-vos. Foi-me dito que uma comunista muito qualificada publica em Hamburgo um jornal para as prostitutas e tenta organizar essas mulheres para a luta revolucionária. Rosa agiu como comunista ao escrever um artigo no qual tomava a defesa das prostitutas, que são lançadas à prisão por infrações a qualquer regulamento da polícia referente à sua triste profissão. Duplamente vítimas da sociedade burguesa, as prostitutas merecem ser lamentadas. São vítimas, antes de tudo, do maldito sistema da propriedade, depois do maldito moralismo hipócrita. Somente os brutos ou os míopes podem esquecê-lo.

No entanto, não se trata de considerar as prostitutas como, por assim dizer, um setor especial da frente revolucionária e de publicar para elas um jornal especial.

Será que não existem, talvez, na Alemanha, operárias industriais para organizar, para educar com um jornal, para arrastar à luta? Eis aí um desvio mórbido. Isso me recorda muito a moda literária em que toda prostituta era apresentada como uma doce madona. É verdade que mesmo naquele caso a 'raiz' era sã: a compaixão social, a indignação contra a hipocrisia virtuosa da honrada burguesia. Mas essa raiz sã, sofrendo a contaminação burguesa, apodreceu. Em geral, a prostituição, mesmo no nosso país, colocará diante de nós numerosos problemas de difícil solução. Trata-se de reconduzir a prostituta ao trabalho produtivo, de indicar-lhe um lugar na economia social; o que, no estado atual de nossa economia e nas condições atuais, é uma coisa complicada e dificilmente realizável. Eis portanto um aspecto da questão feminina que, depois da conquista do poder pelo proletariado, se apresenta em toda a amplitude e exige solução. Na Rússia soviética, esse problema dará ainda pano para mangas. Mas voltemos ao vosso caso particular na Alemanha. O Partido não pode tolerar, em nenhum caso, semelhantes atos, não autorizados, por parte de seus membros. Isso confunde as coisas e desagrega nossas forças. Que fizestes para impedi-lo?»

Sem esperar minha resposta, Lênin continuou:

«A lista de vossos pecados, Clara, ainda não terminou. Ouvi dizer que, em vossas reuniões noturnas dedicadas à leitura e aos debates com as operárias, ocupai-vos sobretudo com as questões do sexo e do casamento. Esse assunto estaria no centro de vossas preocupações, de vossa instrução política e de vossa ação educativa! Não acreditei no que ouvi.

O primeiro estado no qual se realizou a ditadura proletária está cercado de contra-revolucionários de todo o mundo. A situação da própria Alemanha exige a máxima união de todas as forças revolucionárias proletárias para repelir os ataques sempre mais vigorosos da contra--revolução. E, agora, justamente agora, as comunistas ativas tratam da questão sexual, das formas de casamento no passado, no presente e no futuro, julgam que seu primeiro dever é instruir as operárias nessa ordem de idéias. Disseram-me que o folheto de uma comunista vienense sobre a questão sexual tivera amplíssima difusão. Que tolice, esse folheto! As poucas noções exatas que contém, as operárias já as conhecem desde Bebel e não sob a forma de um esquema árido e desinteressante, como no folheto, mas sob a forma de uma propaganda apaixonante, agressiva, cheia de ataques contra a sociedade burguesa. As hipóteses freudianas mencionadas no folheto em questão conferem ao mesmo um caráter que se pretende 'científico', mas no fundo se trata de uma confusão superficial. A própria teoria de Freud não é hoje senão um capricho da meda. Não tenho confiança alguma nessas teorias expostas em artigos, apreciações, folhetos etc., em resumo, nessa literatura específica que floresce com exuberância no terriço da sociedade burguesa. Desconfio daqueles que estão absorvidos constante e obstinadamente com as questões do sexo, como o faquir hindu com a contemplação do próprio umbigo.

Parece-me que essa abundância de teorias sexuais, que não são em grande parte senão hipóteses arbitrárias, provém de necessidades inteiramente pessoais, isto é, da necessidade de justificar aos olhos da moral burguesa a própria vida anormal ou os próprios instintos sexuais excessivos e de fazê-la tolerá-los.

Esse respeito velado pela moral burguesa repugna-me tanto quanto essa paixão pelas questões sexuais. Tem um belo revestimento de formas subversivas e revolucionárias, mas essa ocupação não passa, no fim das contas, de puramente burguesa. A ela se dedicam de preferência os intelectuais e as outras camadas

> da sociedade que lhes são próximas. Para tal tipo de ocupação não há lugar no Partido, entre o proletariado que luta e tem consciência de classe.»

Fiz notar que as questões sexuais e matrimoniais, no regime de propriedade privada, suscitavam múltiplos problemas, que eram causa de contradições e de sofrimentos para as mulheres de todas as classes e de todas as camadas sociais. A guerra e suas conseqüências, disse eu, agravaram ao extremo para a mulher as contradições e os sofrimentos que existiam antes, nas relações entre os sexos. Os problemas, ocultos até então, foram agora revelados aos olhos das mulheres e isto na atmosfera da revolução recém-começada. O mundo, dos velhos sentimentos, das velhas idéias desmorona por toda parte. Os vínculos sociais, de uma só vez, se enfraquecem e se rompem. Vêem-se surgir os germes de novas premissas ideológicas, que ainda não tomaram forma, para as relações entre os homens. O interesse que essas questões suscitam exprime a necessidade de uma nova orientação. Surge ainda a reação que se produz contra as deformações e as mentiras da sociedade burguesa. A mudança das formas matrimoniais e familiares no curso da História, em sua dependência da economia, constituem um bom meio para varrer do espírito das operárias a crença na perpetuidade da sociedade burguesa. Fazer a crítica histórica dessa sociedade significa dissecar sem piedade a ordem burguesa, desnudar sua essência e suas conseqüências e estigmatizar além disso a falsa moral sexual. Todos os caminhos levam a Roma. Toda análise verdadeiramente marxista de uma parte importante da superestrutura ideológica da sociedade ou de um fenômeno social importante deve conduzir à análise da ordem burguesa e de sua base, a propriedade privada; cada uma dessas análises deve conduzir a esta conclusão: «É preciso destruir Cartago.»

Lênin sorria e fazia com a cabeça sinais de aprovação

> «Muito bem. Tendes o ar de um advogado que defende seus companheiros e seu partido. Sem dúvida, o que dissestes é justo. Mas poderia servir apenas para desculpar o erro cometido na Alemanha, não para justificá-lo. Um erro cometido continua a ser um erro. Podeis garantir-me seriamente que as questões sexuais e matrimoniais são discutidas em vossas reuniões sempre do ponto de vista do materialismo histórico vital, bem compreendido? Isso exige conhecimentos vastos, aprofundados, conhecimento marxista, claro e preciso, de uma enorme quantidade de materiais. Dispondes, neste momento, das forças necessárias? Em caso afirmativo, não teria sucedido que um folheto, como aquele do qual falamos, fosse usado como material de estudo em vossas reuniões noturnas, dedicadas à leitura e ao. debate. Aquele folheto

é recomendado e difundido, ao invés de ser criticado . A que conduz, na final das contas, esse exame insuficiente e não marxista da questão? Ao seguinte: a que os problemas sexuais e matrimoniais não sejam vistos como parte da principal questão social e que, ao contrário, a grande questão social, apareça como parte, como apêndice do problema sexual. A questão fundamental é relegada a segundo plano, como secundária. Isso não só prejudica a clareza da questão, mas obscurece o pensamento em geral, a consciência de classe das operárias.

Outra observação, que não é inútil. O sábio Salomão dizia: cada coisa a seu tempo. Peço-vos responder: é precisamente este o momento de manter ocupadas as operárias, meses inteiros, para falar-lhes do modo como se ama ou se é amado, do modo como se faz a corte ou se aceita a corte entre os vários povos, tanto no passado, como no presente e no futuro? E é isso que se denomina orgulhosamente de materialismo histórica! Neste momento, todos os pensamentos das operárias, das mulheres trabalhadoras devem estar voltados para a revolução proletária. Ela é que criará inclusive base para as novas condições de casamento e novas relações entre os sexos. Agora, realmente, devem passar para primeiro plano outras problemas, que não aqueles que se referem às formas de casamento entre os maorís da Austrália ou os casamentos realizados entre consangüíneos na antigüidade.

A História põe hoje na ordem do dia do proletariado alemão a questão dos sovietes, do tratado de Versalhes e da sua influência sobre a vida das massas femininas, o problema do desemprego, da rebaixa dos salários, dos impostos e muitas outras coisas. Em suma, penso que tal modo de educação política e social das operárias não é absolutamente o que deve ser feito. Como vos pudestes calar? Devíeis ter usado vossa autoridade!»

Ao meu amigo, que me criticava, expliquei que não havia perdido ocasião para criticar, para replicar às camaradas dirigentes, para fazer ouvir minha voz em diferentes lugares, mas ele devia saber que ninguém é profeta em sua terra, nem em sua família. Com a minha crítica tornava-me suspeita de continuar ainda fiel às sobrevivências da ideologia social-democrata e do espírito pequeno-burguês de velho estilo. No entanto, minha crítica acabou por dar seus frutos. Os problemas do sexo e do casamento não estavam mais no centro das nossas discussões em nossos círculos e em nossas reuniões noturnas destinadas aos debates.

Lênin continuou a desenvolver seu pensamento.

> «Eu sei, eu sei» — disse ele. «Também me acusam de filisteísmo. Mas isso não me perturba. Os pássaros que mal saíram do ovo das concepções burguesas crêem-se sempre terrivelmente inteligentes. É preciso ter calma. O próprio movimento juvenil está contaminado pela tendência moderna e pela predileção desmedida pelos problemas sexuais.»

Lênin sublinhou com ironia a palavra «moderna», com ar de desaprovação.

> «Disseram-me que os problemas sexuais são mesmo um assunto predileto das vossas organizações juvenis. Nunca faltam relatores sobre esse assunto. Isto é particularmente escandaloso, particularmente deletério para o movimento juvenil. Tais assuntos podem contribuir facilmente para excitar, para estimular a vida sexual de certos indivíduos, para destruir a saúde e a força da juventude. Deveis lutar também contra essa tendência. O movimenta feminino e o juvenil têm muitos pontos de contacto. Nossas camaradas comunistas devem fazer, portanto, junto com os jovens, um trabalho sistemático. Isso trará como resultado elevá-las, transportá-las do mundo da maternidade individual para o da maternidade social. É preciso contribuir para todo despertar da vida social e da atividade da mulher, para ajudá-la a elevar-se acima da mentalidade estreita pequeno-burguesa, individualista, da sua vida doméstica e familiar.
>
> Mesmo entre nós, uma grande parte da juventude trabalha diariamente para rever a concepção burguesa da 'moral' nos problemas sexuais. E devo dizê-lo, é a elite de nossa juventude, aquela que realmente promete muito. Como observastes, nas condições criadas pela guerra e pela revolução, os antigos valores ideológicos são abalados, perdem sua força. Os novos valores só se cristalizam lentamente, através da luta.
>
> As concepções sobre as relações entre o homem e a mulher são transtornadas, assim como os sentimentos e as idéias. Delimitam-se de novo os direitos do indivíduo e os da coletividade e, por isso, os deveres do indivíduo. É um processo lento e muitas vezes doloroso, de perecimento e de nascimento. Isso é igualmente verdade no terreno das relações sexuais, do casamento e da família. A decadência, a putrefação, a lama do casamento burguês, com as suas dificuldades de dissolução, com a liberdade para o marido e a escravidão para a mulher, a mentira infame da moral sexual e das relações sexuais enchem os melhores homens de um desgosto profundo.

O jugo que as leis do Estado burguês fazem pesar sobre o casamento e a família agrava ainda mais o mal e torna os conflitos mais agudos. É o jugo da 'sagrada propriedade' que sanciona a venalidade, a baixeza, a obscenidade. E a hipocrisia convencional da 'honrada' sociedade burguesa faz o resto.

As pessoas começarão a revoltar-se contra essas deformações da natureza. E na época em que vacilam Estadas poderosos, em que desaparecem antigas formas de dominação, em que todo um mundo social perece, os sentimentos do indivíduo isolado se modificam rapidamente.

Difunde-se uma sede ardente de prazeres fáceis. As formas do casamento e das relações entre os sexos, no sentido burguês, já não satisfazem. Nesse terreno, aproxima-se uma revolução que corresponde à revolução proletária. Compreende-se que todo esse novelo extraordinariamente intricado de problemas preocupa profundamente tanto às mulheres como os jovens. Uns e outros sofrem particularmente da atual confusão nas relações sexuais. A juventude protesta contra esse estado de coisas com o ardor barulhento própria da idade. É compreensível. Nada seria mais falsa que pregar à juventude o ascetismo monástico e a santidade da imundície burguesa. Mas não está bem, penso eu, que os problemas sexuais colocados em primeiro plano por razões naturais, se tornem nestes anos a preocupação principal dos jovens. As conseqüências, algumas vezes, poderiam ser fatais.

Em sua nova atitude diante das questões concernentes à vida sexual, a juventude se apega, naturalmente, aos princípios, à teoria. Muitos qualificam sua posição de 'revolucionária' e 'comunista'. Crêem sinceramente que assim seja. Não nos ouvem, a nós, velhos. Embora eu não seja absolutamente um asceta melancólico, essa nova vida sexual da juventude e freqüentemente, dos adultos, me parece muitas vezes totalmente burguesa, um dos múltiplos aspectos de um lupanar burguês. Tudo isso nada tem a ver com a 'liberdade do amor', tal como nós comunistas a concebemos. Conheceis, sem dúvida, a famosa teoria segundo a qual, na sociedade comunista, satisfazer o instinto sexual e o impulso amoroso é tão simples e tão insignificante como beber um copo de água. Essa teoria do 'copo de água' deixou a nossa juventude louca, inteiramente louca.

Ela foi fatal a muitos rapazes e moças. Seus defensores afirmam que é uma teoria marxista. Belo marxismo esse para o qual todos os fenômenos e todas as modificações que se dão na

superestrutura ideológica da sociedade decorrem de pronta, em linha direta e sem quaisquer reservas, unicamente da base econômica! A coisa não é tão simples como parece. Um certo Frederico Engels, já há muito tempo, salientou em que consiste verdadeiramente o materialismo histórico.

Considero a famosa teoria do 'copo de água' como não marxista e, além disso, como anti-social. Na vida sexual se manifesta não só aquilo que deriva da natureza, mas também o que nos dá a cultura, quer se trate de coisas elevadas ou inferiores.

Engels, em sua Origem da Família, mostra toda a importância do desenvolvimento e da aprimoramento do amor sexual. As relações entre os sexos não são simplesmente a expressão da ação da economia social e da necessidade física, dissociadas no pensamento por uma análise psicológica.

A tendência a atribuir diretamente à base econômica da sociedade a modificação dessas relações, separando-as de sua conexão com toda a ideologia, já não seria marxismo, mas racionalismo. Sem dúvida, a sede deve ser saciada, Mas será que um homem normal, em condições igualmente normais, se deitará no chão, na rua, para beber água suja de um lameiro? Ou beberá. em um copo marcado nas beiradas por dezenas, de outros lábios? Todavia o mais importante é o aspecto social. De fato, beber água é coisa pessoal. Mas, no amor, estão interessadas duas pessoas e pode vir uma terceira, um novo ser. É disso que surge o interesse social, o dever para com a coletividade. Como comunista, não sinto simpatia alguma pela teoria do 'copo de água', embora traga a etiqueta de 'amor livre'. Além de não ser comunista, essa teoria nem é nova sequer. Recordai-vos, certamente, de que foi 'pregada' na literatura em meados do século passado, como 'emancipação do coração', que a prática burguesa transformou depois em 'emancipação da carne'. Então, se pregava com mais talento que hoje. Quanto à prática, não posso julgá-la.

Não desejo, absolutamente, com minha crítica, pregar o ascetismo. Longe disso. O comunismo deve trazer não o ascetismo, mas a alegria de viver e o bem-estar físico, devidos também, à plenitude do amor. Penso que o excesso que.se observa hoje, na vida sexual não produz nem a alegria de viver nem o bem-estar físico, mas, pelo contrário, os diminuem. Ora, em épocas revolucionárias isto, é mau, muito mau.

Particularmente a juventude necessita da alegria de viver e do

bem-estar físico. Esporte, ginástica, natação, excursões, todo tipo de exercícios físicos, variados interesses intelectuais, estudos, análises, pesquisas: aprender, estudar, pesquisar, quanto mais possível, em comum. Tudo isso dará à juventude muito mais que a teoria e as discussões intermináveis sobre a questão sexual e sobre a assim chamada maneira de 'gozar a vida'.

Mente sã em corpo são. Nem monge, nem D. Juan e nem mesmo, como meio-termo, filisteu alemão. Conheceis bem vosso jovem camarada Huz. É um jovem perfeito, bem dotado, mas receio que não dê nada de bom. Lança-se de uma aventura amorosa a outra. Isto é um mal para a luta política e para a revolução. Não confiarei, quanto à segurança e à firmeza na luta, nas mulheres cujos romances pessoais se misturam cem a política, nem nos homens que correm atrás de todas as saias e os que se deixam enfeitiçar pela primeira moça que surge. Não, isso não é compatível com a revolução.»

Lênin se ergueu bruscamente, bateu na mesa e deu alguns passos pela sala.

«A revolução exige concentração, tensão das forças, tanto das massas, como dos indivíduos. Não pode tolerar estados orgíacos, do tipo peculiar às heroínas e aos heróis decadentes de D'Annunzio. Os excessos na vida sexual são sinal de decadência burguesa. O proletariado é uma classe em ascensão. Não necessita inebriar-se, atordoar-se, excitar-se. Não precisa embriagar-se nem com excessos sexuais, nem com álcool. Não deve olvidar, e não olvidará a baixeza, a lama e a barbárie do capitalismo. Haure seus maiores impulsos de luta na situação de sua classe e no ideal comunista. O que lhe é necessário é clareza e sempre clareza. Assim, repito, nada de fraqueza, nada de desperdício ou destruição de forças. Dominar-se, disciplinar os próprios atos não é escravidão, e é igualmente necessário no amor.

Mas, desculpai-me, Clara, afastei-me muito do ponto de partida de nossa conversação. Por que não me chamaste à ordem? Deixei--me levar pelo ardor. O futuro de nessa juventude me preocupa muito. A juventude é uma parte da revolução. Ora, se as influências nocivas da sociedade burguesa começam a atingir até mesmo o mundo da revolução, como as raízes amplamente ramificadas de algumas ervas, é melhor reagir em tempo. Tanto mais quanto essas questões também dizem respeito ao problema feminino.»

Lênin falara com muita vivacidade e convicção. Eu sentia que cada uma de suas palavras vinha do fundo do coração; a expressão de seu rosto comprovava isso. Um movimento enérgico da mão sublinhava às vezes seu pensamento. O que me assombrava era vê-lo, embora enfronhado nos problemas políticos mais urgentes e graves, dar tanta atenção às questões secundárias e analisá-las com tanto cuidado, não se limitando apenas ao que se referia à Rússia soviética, mas ocupando-se também dos países capitalistas. Como perfeito marxista, Lênin concebia cada fenômeno isolado, sob qualquer forma e em qualquer lugar que surgisse, relacionado com o geral, com o todo, apreciando o valor do primeiro na dependência do segundo. Sua vontade, sua aspiração vital, sua energia, irresistível como uma força da natureza, estavam inteiramente voltadas para acelerar a revolução, na qual vira a causa das massas. Lênin avaliava cada fenômeno do ponto de vista da influência que pudesse exercer sobre as forças de combate nacionais e internacionais da revolução, porque via sempre diante de si, — levando em conta as particularidades históricas nos diferentes países e as diversas etapas de seu desenvolvimento — uma única e indivisível revolução proletária mundial.

«Como lamento, camarada Lênin, — exclamei eu — que centenas e milhares de pessoas não tenham ouvido vossas palavras. A mim, sabeis bem, não precisais convencer. Mas seria extremamente importante que vossa opinião fosse conhecida por nossos amigos e por nossos inimigos.»

Lênin sorriu.

> «Um dia talvez pronuncie um discursa ou escreva sobre este assunto. Não agora, mais tarde. Hoje devemos concentrar todo o nosso tempo e todas as nossas forças em outras questões. Agora, temos outros problemas mais graves e mais árduas. A luta pela manutenção e consolidação do poder soviético ainda está muito longe de seu termo. Ainda precisamos tirar as melhores vantagens possíveis da guerra com a Polônia. Wrangel continua no sul. Tenho a firme convicção, é verdade, de que a venceremos; o que dará que pensar aos imperialistas franceses e ingleses e a seus pequenos vassalos. Mas a parte mais difícil de nosso trabalho, a reconstrução, ainda está por realizar.
>
> Através desse processo ganharão igualmente importância a questão das relações entre os sexos, e as questões de casamento e família. Enquanto isso, deveis lutar sempre e em toda parte. Não deveis permitir que tais questões sejam tratadas de maneira não marxista, que criem um terreno favorável a desvios e deformações prejudiciais. E agora passemos ao vosso trabalho.»

Lênin olhou o relógio.

> «O tempo de que dispunha — disse ele — já se reduziu à metade. Falei demais. Apresentai por escrito vossas propostas para o trabalho comunista entre as mulheres. Conheço vossos princípios e vossa experiência: nossa conversa por isso será breve. Ao trabalho, pois! Quais são vossos projetos?»

Eu os expus. Enquanto falava, Lênin fez muitas vezes sinais de aprovação. Quando terminei, olhei-o interrogativamente.

> «De acordo — disse Lênin. — Discuti com Zinoviev e seria bom se pudésseis discutir também numa reunião de dirigentes comunistas. É pena, realmente pena, que a camarada Inês não esteja aqui; Está doente, partiu para o Cáucaso. Depois da discussão, apresentai as propostas por escrito. Uma comissão as examinará e depois o Executivo decidirá. Desejo esclarecer apenas alguns pontas nos quais compartilho de vossa opinião. Parecem-me importantes para o nosso atual trabalho de agitação e propaganda, se esse trabalho pretender de fato conduzir à ação e a uma luta coroada de êxito. As teses devem deixar bastante claro que somente através do comunismo se realizará a verdadeira libertação da mulher. É preciso salientar os vínculos indissolúveis que existem entre a posição social e a posição humana da mulher: isto servirá para traçar uma linha clara e indelével de distinção entre a nossa política e o feminismo. Esse ponto será mesmo a base para tratar o problema da mulher como parte da questão social, como problema que toca aos trabalhadores, para uni-lo sòlidamente à luta de classe do, proletariado. O movimento comunista feminino deve ser um movimento de massas, uma parte do movimento geral de massas, não só do proletariado, mas de todos os explorados e de todos os oprimidos, de todas as vítimas do capitalismo e de qualquer outra forma de escravidão. Nisso está sua significação no quadro da luta de classes do proletariado e de sua criação histórica: a sociedade comunista.
>
> Temos o direito de estar orgulhosos de possuir no Partido e na Internacional a fina flor das mulheres revolucionárias. Mas isso não basta. Devemos atrair para o nosso campo milhões de mulheres trabalhadoras das cidades e do campo. Devemos atraí-las para o nosso lado a fim de que contribuam em nossa luta e particularmente na transformação comunista da sociedade. Sem as mulheres não pode existir um verdadeiro movimento de massas. Nossas concepções ideológicas comportam problemas específicos de organização. Nenhuma organização especial para as mulheres.

Uma mulher comunista é membro do Partido tanto como um homem comunista. Não deve existir quanto a isso nenhuma imposição especial. Todavia, não devemos esquecer que o Partido deve possuir pessoas, grupos de trabalho, comissões, comitês, escritórios ou o que mais for preciso, com a tarefa específica de despertar as massas femininas, de manter contacto com elas e de influenciá-las. Isso. exige, é evidente, um trabalho sistemático.

Devemos educar as mulheres que ganharmos para nessa causa e torná-las capazes de participar da luta de classe do proletariado, sob a direção do Partido Comunista. Não me refiro apenas às mulheres proletárias, que trabalham na fábrica ou em casa. Também as camponesas pobres, as pequeno-burguesas, são vítimas do capitalismo e o são ainda mais em caso de guerra. A mentalidade antipolítica, anti-social e atrasada dessas mulheres, o isolamento a que as obriga sua atividade, todo o seu modo de vida; eis fatos que seria absurdo, completamente absurdo, subestimar. Necessitamos de organismos apropriados para realizar o trabalho entre as mulheres. Isso não é feminismo: é o caminho prático, revolucionário.»

Disse a Lênin que suas palavras me infundiam coragem: muitos camaradas e além disso bons camaradas, se opunham decididamente à idéia de que o Partido constituísse organizações especiais para o trabalho entre as mulheres. Rejeitavam-na como feminismo e como retorno às tradições social-democratas e afirmando que os Partidos Comunistas, ao adotar como princípio a igualdade de direitos entre homens e mulheres, deviam trabalhar sem fazer diferenças entre as massas trabalhadoras. As mulheres devem ser admitidas rias nossas organizações como os homens e sem distinção alguma. Qualquer discriminação tanto na agitação como na organização, decorrente das circunstâncias descritas por Lênin, era tachada de oportunismo, por parte daqueles que a ela se opunham, como uma capitulação e uma traição.

«Isso não é uma novidade nem uma prova — disse Lênin — e não vos deveis deixar desviar. Por que nunca tivemos no Partido um número igual de homens e mulheres, nem mesmo na República soviética? Por que é tão diminuto o número de mulheres trabalhadoras filiadas aos sindicatos? Tais fatos devem levar-nos a refletir. Não reconhecer a necessidade de organização diferenciada para o nosso trabalho entre as massas femininas significa ter uma concepção, idêntica à dos nossos ma;s radicais e altamente morais amigos do Partido Comunista[(2)] Operário, segundo os quais devia existir uma única forma de organização: os sindicatos operários. Conheço-os. Muitos revolucionários atacados de confusionismo se

apegam aos princípios quando lhes faltam idéias', ou seja, quando sua inteligência está fechada para os fatos puros e simples, para os fatos a considerar. Mas como podem os guardiães dos 'princípios puros' adaptar suas idéias às exigências da política revolucionária que o momento histórico comporta? Todo aquele palavrório se desfaz, diante da necessidade inexorável. Somente se milhões de mulheres estiverem conosco poderemos exercer a ditadura do proletariado, poderemos construir segunda diretrizes comunistas. Devemos encontrar a maneira de uni-las, devemos estudar para encontrar essa maneira. Por isso é justo formular reivindicações em favor das mulheres: já não se trata de um programa mínimo, de um programa de reformas, no sentido dos social-democratas da II Internacional. Não é um reconhecimento da eternidade ou pelo menos da longa duração do poder da burguesia e da sua forma estatal. Não é uma tentativa de satisfazer as mulheres com reformas e desviá-las do caminho da luta revolucionária. Não se trata disso nem de outros truques reformistas. Nossas exigências se apóiam nas conclusões práticas que tiramos das necessidades prementes, da vergonhosa humilhação da mulher e dos privilégios do homem.

Odiamos, sim; odiamos tudo aquilo que tortura e oprime a mulher trabalhadora, a dona de casa, a camponesa, a mulher do pequeno comerciante e, em muitos casos, a mulher das classes possuidoras. Exigimos da sociedade burguesa uma legislação social em favor da mulher, porque compreendemos a situação destas e seus interesses, aos quais dedicaremos nossa atenção durante a ditadura do proletariado. Naturalmente, não o exigimos como fazem os reformistas, utilizando palavras brandas para convencer as mulheres a permanecer inativas, contendo-as. Não, naturalmente não, mas como convém a um revolucionário, chamando-as para trabalhar lado a lado a fim de transformar a velha economia e a velha ideologia.»

Disse a Lênin que compartilhava de suas idéias, as quais teriam certamente encontrado resistência e seriam julgadas oportunismo perigoso por parte de elementos inseguros e temerosos. Nem se poderia negar, aliás, que nossas reivindicações imediatas em favor das mulheres teriam podido ser mal interpretadas e mal expressas.

«Tolice!» — respondeu Lênin quase colérico. «Esse perigo é inato a tudo que dizemos e fazemos. Se esse receio devesse dissuadir-nos de fazer o que é justo e necessário, então seria melhor nos tornarmos hipnotizadores hindus. Não te movas, não te movas! Contemplemos nossos princípios do alto de uma coluna!

Naturalmente, preocupamo-nos não só com o conteúdo de nossas reivindicações, mas também com o modo de as formular. Naturalmente, não formularemos nessas reivindicações para as mulheres como se desfiássemos mecanicamente as contas de nosso rosário. Não, segundo as exigências do momento, lutaremos ora por este objetivo, ora por aquele. E, naturalmente, tendo sempre presentes os interesses gerais do proletariado.

Cada uma dessas lutas se erguerá contra as respeitáveis relações burguesas e os seus não menos respeitáveis admiradores reformistas, que obrigaremos a lutar ao nosso lado, sob a nossa bandeira — o que eles não desejam — ou denunciaremos o que são. Além disso, finalmente, a luta desvenda as diferenças entre nós e os outros partidos, torna claro nosso comunismo. Assegura-nos a confiança das massas femininas que se sentem exploradas, submetidas, oprimidas pelo homem, pelo patrão, por toda a sociedade burguesa. Traídas e abandonadas por todos, as trabalhadoras reconhecerão que deve lutar ao nosso lado. É preciso que vos lembre novamente que a luta por nossas reivindicações a favor das mulheres deve estar ligada à finalidade de conquistar o poder e de realizar a ditadura do proletariado? Esse é hoje nosso objetivo fundamental.

Mas não basta simplesmente proclamá-lo continuamente, como se soássemos as trombetas de Jerico, para que as mulheres se sintam atraídas irresistivelmente para a nossa luta pelo poder estatal. Não; não! As mulheres devem adquirir consciência da ligação política que existe entre as nessas reivindicações e seus sofrimentos, suas necessidades, suas aspirações. Devem compreender o que significa para elas a ditadura do proletariado: completa igualdade com o homem diante da lei a na prática, na família, no Estado, na sociedade; o fim do poder da burguesia.»

«A Rússia soviética é uma prova disso,» — interrompi eu.

«Esse grande exemplo servirá para ensinar-lhes — continuou Lenin. — A Rússia soviética lança nova luz sobre nossas reivindicações em favor das mulheres. Sob a ditadura do proletariado, essas reivindicações não são objeto de luta entre o proletariado e a burguesia. Pertencem à estrutura da sociedade comunista, indicam às mulheres dos outros países a importância decisiva da tomada da poder, por parte do proletariado. É preciso que a diferença seja decididamente salientada, para que as mulheres participem da luta de classe do proletariado.

Ganhá-las para nossa causa, por meio de uma compreensão clara e de uma sólida organização básica é essencial para os partidos comunistas e para o triunfo deles. Não nos deixemos enganar, porém. Nossas seções nacionais ainda não têm uma visão clara do problema. Estão inertes, quando lhes cabe a tarefa de criar um movimento de massas sob a direção dos comunistas. Não compreendem que o desenvolvimento e a organização de tal movimento de massas é parte importante de toda a atividade do Partido; que é, na realidade, uma boa metade de todo o trabalho do Partido. O reconhecimento ocasional da necessidade e do valor de um movimento comunista forte e bem dirigido é um reconhecimento em palavras, platônico, e não um empenho e uma preocupação constante do Partido.

O trabalho de agitação e de propaganda entre as mulheres, a difusão do espírito revolucionário entre elas, são considerados problemas ocasionais, tarefas que cabem unicamente às companheiras. Somente às companheiras se reprova e adverte se o trabalho nessa frente não caminha mais rápida e energicamente. Isso é mal, muito mal. É separatismo puro e simples, é feminismo à rebours, como dizem os franceses, feminismo às avessas! Que é que está na base dessa atitude errada de nossas seções nacionais? Em última análise, trata-se de uma subestimação da mulher e de seu trabalho. Justamente isso! Infelizmente, ainda pode dizer-se de muitos companheiros: 'Raspa um comunista e encontrarás um filisteu!' Evidentemente, deve-se raspar no ponto sensível, em sua concepção sobre a mulher. Pode haver prova mais condenável do que a calma aceitação dos homens diante do fato de as mulheres se consumirem no trabalho humilhante, monótono, da casa, gastando e desperdiçando energia e tempo e adquirindo uma mentalidade mesquinha e estreita, perdendo toda sensibilidade, toda vontade? Naturalmente, não me refiro às mulheres da burguesia, que descarregam sobre as empregadas a responsabilidade de todo o trabalho doméstico, inclusive a amamentação dos filhos. Refiro-me à esmagadora maioria das mulheres, às mulheres dos trabalhadores e àquelas que passam o dia numa oficina. Pouquíssimos homens — mesmo entre os proletários — se apercebem da fadiga e da dor que poupariam à mulher se dessem uma mão 'ao trabalho da mulher'. Mas não, isto vai de encontro aos 'direitos e à dignidade do homem': este quer paz e comodidade. A vida doméstica de uma mulher constitui um sacrifício diário, feito por mil ninharias. A velha supremacia do homem sobrevive em segredo. A alegria do homem e sua tenacidade na luta diminuem, diante do atraso da mulher, diante

de sua incompreensão dos ideais revolucionários: atraso e incompreensão que, como cupim, secretamente, lentamente mas sem salvação, roem e corroem. Conheço a vida dos trabalhadores não apenas através dos livros. Nosso trabalho de comunistas entre as mulheres, nosso trabalho político, exige uma boa dose de trabalho educativo entre os homens. Devemos varrer por completo a velha idéia do 'patrão', tanto no Partido, como entre as massas. É uma tarefa política nossa não menos importante que a tarefa urgente e necessária de criar um núcleo dirigente de homens e mulheres, bem preparados teórica e praticamente para desenvolver entre as mulheres uma atividade de Partido.»

Diante de minha pergunta sobre a situação na Rússia soviética, no que diz respeito a esse problema, Lênin respondeu:

> «O governo da ditadura do proletariado, juntamente com o Partido Comunista e os sindicatos, naturalmente nada deixou de tentar, no esforço para eliminar o atraso dos homens e das mulheres, para destruir a velha mentalidade não comunista. A lei estabelece, naturalmente, a completa igualdade de direitos entre homens e mulheres. E o desejo sincero de traduzi-la na pratica existe em toda parte. Introduzimos a mulher na economia social, no poder legislativo e no governo. Abrimos-lhe as portas de nossas instituições educacionais para que possa aumentar sua capacidade profissional e social. Criamos cozinhas comunais e restaurantes, lavanderias, laboratórios, creches e jardins de infância, casas para crianças, institutos educativos de toda espécie.
>
> Em resumo, estamos realizando seriamente nosso programa de transferir para a sociedade as funções educativas e econômicas do núcleo familiar. Isso significa para a mulher a libertação da velha fadiga doméstica aniquilante e do estado de submissão ao homem. Isso lhe permitirá desenvolver plenamente seu talento e suas inclinações. As crianças são criadas melhor que em suas casas, tara as trabalhadoras, temos as leis protetoras mais avançadas do mundo que os dirigentes dás organizações sindicais põem em prática. Estamos construindo maternidades, casas para as mulheres e as crianças, clínicas femininas; organizamos cursos de puericultura e exposições para ensinar às mulheres a cuidar de si próprias e dos seus filhos etc.; fazemos sérios esforços para ajudar às mulheres desocupadas e sem amparo.
>
> Compreendemos perfeitamente que tudo isso é insuficiente, diante das necessidades das trabalhadoras, diante das condições existentes na Rússia capitalista e tzarista. Mas já é muito em

> comparação com os países onde ainda impera o capitalismo. É um bom início, na direção justa, e, tende certeza, nessa direção continuaremos a caminhar com toda nossa energia. Cada dia de existência do Estado soviético demonstra de fato que não podemos avançar sem as mulheres. Pensai o que significa isso, num país em que os camponeses constituem cerca de 80% da população! Pequena economia camponesa significa pequenos núcleos familiares separados, com as mulheres acorrentadas a esse sistema. Para vós, desse ponto de vista, a tarefa será mais fácil e melhor de realizar, com a condição de que vossas mulheres proletárias saibam aproveitar o memento histórico objetivo para a tomada do poder, para a revolução. Nós não desesperamos. Nessa força cresce com as dificuldades. A força das coisas impelirá a buscar novas medidas para libertar as massas femininas. A cooperação no regime soviético, fará muito. Cooperação no sentido comunista e não burguês, naturalmente, cooperação não como a pregam os reformistas, cujo entusiasmo, ao contrário de revolucionário, não é senão um fogo de palha. A iniciativa individual deve seguir passo a passo com a cooperação, a qual deve crescer e fundir-se com a atividade das comunas. Sob a ditadura do proletariado, a libertação da mulher se realizará através do desenvolvimento do comunismo, também no campo. Tenho grandes esperanças na eletrificação da indústria e da agricultura. Um trabalho imenso! E as dificuldades para pô-lo em prática são grandes, enormes! Para realizá-lo é preciso despertar a energia das massas. E a energia de milhões de mulheres nos ajudará.»

Nos últimos dez minutos haviam batido duas vezes à porta, mas Lênin continuara a falar. Nesse ponto, abriu a porta, dizendo: «Já vou.» Depois, voltando-se para mim, acrescentou sorrindo:

> «Sabeis, Clara, eu me justificarei explicando que estava cem uma mulher. Desculpar-me-ei pelo atraso aludindo à conhecida volubilidade feminina. De fato, desta vez foi o homem e não a mulher quem falou muito. Posso, aliás, testemunhar que sabeis escutar com seriedade. Talvez isso tenha estimulado minha eloqüência.» Brincando assim, ajudou--me a vestir o capote. «Deveis abrigar-vos melhor» — disse seriamente. «Moscou não é Estocolmo. Deveis ter cuidado convosco. Não apanheis frio. Auf wiedersehen!». Apertou-me cordialmente a mão.

Duas semanas depois tive com Lênin outra conversa sobre o movimento feminino. Lênin viera procurar-me. Como de costume, sua visita inesperada, foi uma pausa improvisada, em meio ao trabalho extenuante que iria depois

abater o chefe da revolução vitoriosa. Ele parecia muito cansado e preocupado. A derrota de Wrangel ainda não estava assegurada e o problema do abastecimento das grandes cidades se erguia diante do governo soviético como uma esfinge inexorável. Lênin pediu notícias sobre as diretivas ou teses. Disse-lhe que todas as companheiras dirigentes que se encontravam em Moscou se haviam reunido e exposto suas opiniões. Suas propostas eram agora examinadas por uma comissão reduzida. Lênin recomendou-me não esquecer que o III Congresso mundial deveria tratar da questão com a atenção necessária.

> «Esse simples fato destruirá muitos preconceitos das companheiras. Quanto ao resto, as camaradas devem lançar-se ao trabalho e trabalhar energicamente, não murmurando, por entre os lábios, como velhas tias, mas falando em voz alta, claramente, como combatentes» — exclamou Lênin com ardor. «Um congresso não é uma sala de visitas, onde as mulheres brilham com seus encantos, como dizem os romances. É a arena onde começamos a agir como revolucionários. Demonstrai que sabeis lutar. Antes de tudo, contra o inimigo, naturalmente, mas, se é preciso, mesmo no seio do Partido. Teremos o que fazer, com milhões de mulheres. Nosso Partido russo será favorável a todas as propostas e medidas que contribuam para atraídas para nossa movimento. Se não estão conosco, a contra-revolução poderá conduzi-las contra nós. Devemos sempre pensar nisto. Devemos conquistar as massas femininas, quaisquer que sejam as dificuldades.»

Aqui, no meio da revolução, no meio daquele burburinho de atividade, com aquele rápido e forte ritmo de vida, havia eu elaborado um plano de ação internacional entre as massas de trabalhadoras.

«Minha idéia surgiu de vossos grandiosos congressos e reuniões de mulheres sem-partido. Transportaremos essa idéia do plano nacional para o internacional. É inegável que a guerra mundial e suas conseqüências golpearam profundamente todas as mulheres, das várias classes e camadas sociais. Elas têm vivido um período de fermentação e de atividade. O problema que as envolve hoje é o de conservar a vida. Como viver? A maior parte delas não havia pensado jamais que se pudesse chegar a tal ponto e somente poucas compreenderam o porquê disto. A sociedade burguesa não pode dar uma resposta satisfatória a esse problema. Somente o comunismo pode fazê-lo. Devemos levar as mulheres dos países capitalistas a compreender esse fato e precisamente por isso organizaremos um congresso internacional de mulheres, sem distinção de partido.»

Lênin não respondeu logo. Com o olhar fixo, profundamente absorto, os lábios cerrados, o lábio inferior ligeiramente estendido, pesava minha

sugestão. Depois disse:

> «Sim, devemos fazê-lo. É um bom plano. Mas os bons planos, mesmo os melhores, de nada valem se não são bem realizados. Pensastes como realizá-lo? Qual o vosso ponto de vista a respeito disso?»

Expus-lhe os detalhes. Em primeiro lugar, devia-se organizar um comitê de companheiras dos vários países que manteria contacto estreito com as seções nacionais e preparar, elaborar, em seguida, o congresso. Restava decidir se, por razões de oportunidade, o comitê deveria começar a trabalhar logo oficialmente e publicamente. De qualquer maneira, seus membros deviam, como primeira coisa, pôr-se em contacto com as dirigentes dos movimentos sindicais e políticos, das organizações femininas burguesas de todo tipo (inclusive médicas, jornalistas, professoras etc.) e formar em cada país um comitê nacional organizador apartidário.

O comitê internacional, composto de membros dos comitês nacionais, deveria estabelecer a data, o lugar e o programa de trabalho do congresso.

O congresso, na minha opinião, deverá tratar, em primeiro lugar, do direito das mulheres ao trabalho profissional. Nesse ponto,, se poderão inscrever as questões do desemprego, do salário igual para trabalho igual, da jornada legal de oito horas, da legislação de proteção à mulher, dos sindicatos e das organizações profissionais de previdência social para a mãe e o filho, das instituições sociais para ajudar as donas de casas e as mães etc. A ordem do dia deveria portanto incluir a seguinte tema: a situação da mulher no direito matrimonial e familiar e no direito público político. Uma vez aprovadas essas propostas, sugeria que os comitês nacionais realizassem entre as mulheres ativas e trabalhadoras de todas as camadas sociais, uma campanha sistemática, por meio da imprensa e dos comícios, a fim de preparar o congresso e assegurar-lhe a presença e a cooperação de representantes de todas as organizações com as quais se houvesse tomado contacto, bem como de delegações de reuniões públicas femininas.

O congresso poderia ser uma «representação do povo», mas bem diversa do parlamento.

Naturalmente, as mulheres comunistas deveriam ser não somente a força motriz, mas também a força dirigente no trabalho de preparaçâo, na atividade do comitê internacional e no próprio congresso e, finalmente, na aplicação das decisões. No congresso deveriam ser apresentadas, sobre todos os pontos da ordem do dia, teses e resoluções comunistas inspiradas em princípios unitários e baseadas no exame científico das condições existentes. Essas teses seriam depois discutidas e aprovadas pelo Executivo da Internacional. Palavras de ordem comunistas e propostas comunistas

deveriam estar no centro do trabalho do congresso, exigindo a atenção geral. Após o congresso, essas mesmas palavras de ordem deveriam ser difundidas entre as mais amplas massas femininas, a fim de impulsionar uma ação internacional de massas, por parte das mulheres. A condição indispensável para que as mulheres comunistas desenvolvessem um bom trabalho nos comitês e no congresso era manterem-se solidamente unidas, trabalhar coletiva e sistematicamente, apoiando-se em princípios claros e bem determinados. Nenhuma comunista devia sair da linha traçada. Enquanto eu falava, Lênin aprovava com sinais de cabeça ou fazia breves comentários de concordância.

> «Parece-me, querida camarada — disse ele — que estudastes muito bem o aspecto político da questão e mesmo os problemas fundamentais de organização. Estou firmemente convencido de que neste momento um congresso semelhante pode desenvolver trabalho importante. Pode conquistar para a nossa causa, amplas massas de mulheres: massas de profissionais, de trabalhadoras na indústria, de donas-de-casa, de professoras e outras. Bem, muito bem. Pensai: em caso de graves divergências entre os grupos industriais ou de greves políticas, que aumento de força representa para o proletariado revolucionário a contribuição das mulheres, que se revoltam conscientemente. Naturalmente tudo isso sucederá se soubermos atrai-las e mantê-las em nosso movimento. A vantagem será grande, imensa. Mas existem algumas questões. É possível que as autoridades governamentais não vejam cem bons olhos os trabalhos do congresso, que tentem impedi-lo. Não creio que tentem sufocá-lo por meios brutais. O que irão fazer não vos deverá atemorizar. Mas não receais que nos comitês e no congresso as comunistas se deixem controlar pela maioria numérica dos elementos burgueses e reformistas e pela força desigual de sua routine? Finalmente, e sobretudo, tendes realmente confiança na preparação marxista das nessas camaradas a tal ponto de fazer delas um pelotão de assalto, que sairá da luta com honra?»

Respondi que indubitavelmente as autoridades não iriam recorrer à violência contra o congresso. Expedientes e medidas brutais serviriam apenas para fazer propaganda do próprio congresso. O número e o peso dos elementos não comunistas seria enfrentado por nós, comunistas, com. a força superior que deriva de uma compreensão e de uma elucidação científica dos problemas sociais, à luz do materialismo histórico, da coerência de nossas reivindicações e propostas e, por último, mas não menos importante, da vitória da revolução proletária na Rússia e de sua ação de vanguarda para a libertação da mulher. As debilidades e as deficiências das companheiras individualmente, no que se referia à sua

educação e capacidade de compreender as situações, pode-riam ser superadas com o trabalho coletivo e a preparação sistemática.

Muito espero das camaradas russas, que deverão, ser o núcleo de aço de nossa falange. Com elas, ousarei muito mais que lutas congressistas. Além disso, mesmo se fôssemos derrotadas pelo voto, nossa própria luta teria lançado o comunismo em primeiro plano, com um excelente resultado propagandístico e serviria para criar novos vínculos para o nosso trabalho futuro.

Lênin riu gostosamente:

> «Sempre o mesmo entusiasmo pelas mulheres revolucionárias russas! Sim, sim, o velho amor ainda não acabou. E creio que tendes razão. Mesmo a derrota, depois de uma boa luta assinalaria uma vantagem e uma preparação para êxitos futuros entre as trabalhadoras. Considerando tudo, vale a pena arriscar. Todavia, naturalmente, espero de todo o coração a vitória. Seria uma importante contribuição de força, um grande desenvolvimento e reforço de nossa frente, traria nova vida, movimento e atividade a nossas fileiras. E isso é sempre útil. Semelhante congresso acelerará a desintegração das forças contra-revolucionárias e por isso, as debilitará. Todo debilitamento das forças do inimigo representa ao mesmo tempo um reforço de nossa potência. Aprova o congresso. . .»

Desgraçadamente, o congresso fracassou, por causa da atitude das camaradas alemãs e búlgaras que, naquele tempo, constituíam o melhor movimento feminino comunista fora da Rússia. Elas repeliram a proposta de organizar o congresso. Quando eu o disse a Lênin, ele exclamou:

> «Pena, uma verdadeira pena! As camaradas deixaram fugir uma esplêndida ocasião para lançar um raio de esperança às massas de trabalhadoras e de trazê-las para a luta revolucionária da classe operária. Quem sabe quando se apresentará novamente uma ocasião tão favorável? É preciso malhar o ferro enquanto está quente. A tarefa continua. Deveis encontrar o modo de unir as mulheres que o capitalismo lançou na mais pavorosa miséria. Deveis encontrado, deveis. Não nos podemos furtar a esta necessidade. Sem uma atividade organizada de massas, sob a direção dos comunistas, não se pode obter a vitória sobre o capitalismo, nem a construção do comunismo. Eis porque as mulheres terminarão por revoltar-se. . .»

Início da página

Notas:

(1) Referência a Rosa Luxemburgo, destacada dirigente do movimento comunista alemão. (N. da ed. bras.) (retornar ao texto)

(2) Em 1919, destacou-se do Partido Comunista da Alemanha (espartaquiano) uma fração de esquerda que se constituiu em Partido Comunista Operário da Alemanha, cujo extremismo foi denunciado, no ano seguinte, pelo II Congresso da Internacional Comunista. (retornar ao texto)

Inclusão	23/01/2008